

Gazeta das Aldeias

N.º 2488

1 DE FEVEREIRO DE 1963

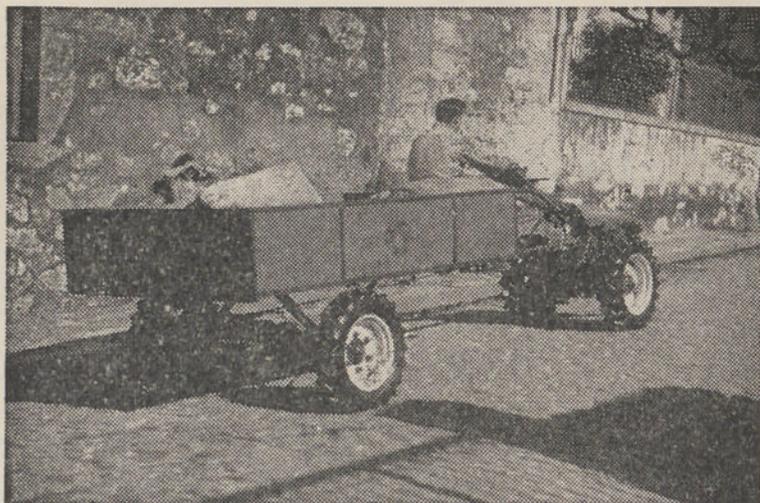
Sala

Est.

Tab.

N.º

Siga-me... Acompanha-nos a melhor Técnica!



Motocultor L5-H 13 HP, O MAIS MODERNO E POTENTE DO MERCADO
(Via regulável entre 70 e 108 cms.)

Faz todos os trabalhos agrícolas e... REBOCA 1.800 Kgs.

ISENTO DE CARTA DE CONDUÇÃO

BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ

FK - 7 HP - DIESEL
(uma maravilha de técnica)

- Motor Hatz E 75
- Caixa de 7 velocidades
- 4 velocidades à polia

.....

Lavra — cava

sacha — gadanha

ceifa — reboca

etc. — etc.

.....

Protegido pela impecável
assistência

BUNGARTZ



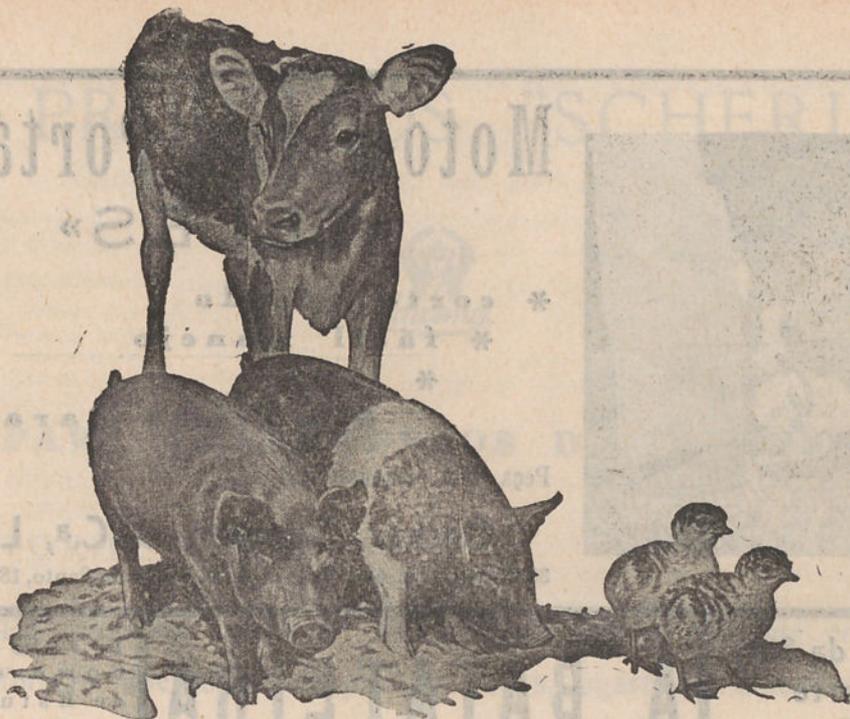
RAMO AGRÍCOLA DA

Agência Comercial de Anilinas, Lda.

75 — Galeria de Paris — 77

PORTO

Telef. 25397



AUMENTE OS SEUS LUCROS

DANDO AOS PORCOS
RAÇÕES QUE CONTENHAM

AUROFAC*

O **Aurofac*** é o produto que contém a Aureomicina* (clorotetraciclina) e o seu uso permanente nas rações proporcionar-lhe-á:

- 1.º Diminuição da mortalidade;
- 2.º Mais porcos por ninhada;
- 3.º Aumento do índice de crescimento e de engorda;
- 4.º Mais aumento de peso;
- 5.º Menor consumo de ração.

5943

O uso diário do **Aurofac** nas rações permite que os porcos atinjam os pesos de abate 2 ou 3 semanas mais cedo. O uso diário do **Aurofac**, nas rações, poupar-lhe-á tempo e dinheiro.

Utilize o **Aurofac** nas rações dos porcos e será largamente compensado

APRESENTAÇÃO: AUROFAC 2A E AUROFAC 20

Peça ao seu fabricante, ou fornecedor, rações contendo **Aurofac**

* *Marcas Registradas*

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO
Cyanamid International
A Division of American Cyanamid Company
30 Rockefeller Plaza, New York 20, N.Y., U.S.A.



Repres. exclusivos para Portugal e Ultramar:
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.ª
Rua Conde de Redondo, 64—LISBOA
Rua de Santo António, 15-3.º—PORTO



Moto-Serra Portátil

«TELES»

- * corte rápido
- * fácil manejo
- * leve
- * máxima garantia

3887

Peça uma demonstração

Harker, Sumner, & C.a, L.da

38, R. de Ceuta, 48-PORTO * 14, L. Corpo Santo, 18- LISBOA

**Alberto da Silva
Duarte**

COLMEIAS,
CERA MOLDADA
e utensílios apícolas

Fabricante em
Portugal desde 1935
da colmeia

“Langstroth-Root”

Rua Capitão
Luís Gonzaga, 38
Telef. 23337—COIMBRA

3904

A BATATEIRA

Pelo Engenheiro-Agrônomo Artur Castilho. Profusamente ilustrada, é a obra mais completa e mais desenvolvida que até hoje se tem publicado em Portugal sobre a batata, suas variedades (são descritas mais de 200), cultura e aplicação, tudo cuidadosamente tratado nos seus diferentes capítulos

Preço, incluindo porte do correio e registo—Esc. 27\$50; à cobrança, 29\$00

Pedidos à **Gazeta das Aldeias**

PASTAS
Comerciais e
de Estudantes
MALAS
em couro, chapeadas
e para avião



1913

CONSERTAM-SE MALAS
= NÃO CONFUNDIR =

José Apolinário

31 - R. do Loureiro-33
(Pegado à Pensão de S. Bento)
TELEFONE, 23636—PORTO

Viveiros da Quinta do Tamariz

Os maiores viveiros do Norte do País, com a maior selecção de barbados americanos e árvores de fruto. Plantas talhadas; coníferas; arvoredos; arbustos para jardins; plantas para sebes; roseiras; trepadeiras; etc., etc.

Serviços de assistência técnica. — Instalação de pomares. — Ordenação de propriedades e surribas.

No seu próprio interesse visite os n/ viveiros.

PEÇA CATÁLOGOS GRÁTIS

Sociedade Agrícola da Quinta do Tamariz, Lda.

Carreira — Silveiros (Minho)

Telef. 71 — NINE

3684

OS PRODUTOS "SCHERING"

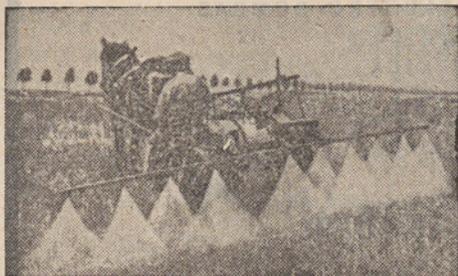


PARA TRATAMENTOS DE INVERNO

GILBOFORM "SCHERING":

Pó molhável contendo Dinitrocresol para o combate aos ovos e formas hibernantes de piolhos, psilas, lagarta da amendoeira, hiponomeuta, traças ou bichados da fruta, cochonilhas, mela, algodão ou ferrugem, das **vinhas e árvores de fruto**, bem como para a limpeza dos **troncos das oliveiras** de algas, musgos e líquenes.

PARA A MONDA QUÍMICA



Raphatox (50% de DNOC)

M52 «líquido» (40% de sal potássico do MCPA)

M52 «pó» (80% de sal potássico do MCPA)

OS HERBICIDAS IDEAIS PARA O COMBATE ÀS ERVAS DANINHAS

Distribuidores Exclusivos:

AGUIAR & MELLO, LDA.

Praça do Município, 13-1.º—LISBOA

2891

DEPOSITÁRIOS EM TODO O PAÍS

À lavoura em geral e aos criadores de gado em especial

O sucesso que têm obtido os alimentos concentrados SOJAGADO é já hoje indiscutível
Todos os Grémios da Lavoura nos têm manifestado o apreciável valor da SOJAGADO

Produtos compostos completos:

SOJAGADO N.º 3 — Para porcos de engorda
SOJAGADO N.º 4 — > Galinhas poedeiras
SOJAGADO N.º 5 — > Pintos até 6 semanas
SOJAGADO N.º 6 — > Frangos para carne
SOJAGADO N.º 7 — > Frangas

Produtos compostos complementares:

SOJAGADO N.º 1 — Para vacas leiteiras
SOJAGADO N.º 2 — > bovinos de engorda e trabalho
SOJAGADO N.º 8 — > aves em postura
SOJAGADO N.º 9 — > éguas criadeiras e poldros
SOJAGADO N.º 10 — > porcos em crescimento (dos
25 aos 60 quilos)

SOJA PURA EXTRACTADA

Não engane o seu gado com alimentos pobres porque se engana a si próprio

SOJA DE PORTUGAL, LDA. * FÁBRICAS EM OVAR — Telef. 63

Escritórios em Lisboa, na Rua dos Fanqueiros, 38, 1.º — Telef. 323830 e 327806

Os pedidos podem ser feitos directamente aos n/ escritórios ou ao Sr. António Câmara
Cordovil, Rua de Campolide, 55, 1.º, dt.º, Lisboa — Tel. 685262.

3684

MOTORES INDUSTRIAIS

GRUPOS ELECTROGÉNEOS
A GASOLINA, PETRÓLEO OU DIESEL

- DE CORRENTE CONTÍNUA, PARA CARGA DE BATERIAS
- DE CORRENTE ALTERNA, PARA ILUMINAÇÃO,
RÁDIO-TELEVISÃO OU PARA ELECTRO-BOMBAS

DIVISÃO MARÍTIMA E TÉCNICA

C. SANTOS, LDA.

TRAVESSA DA GLÓRIA, 17—LISBOA

3427



W i n o

MASTIQUE

especial para a

VEDAÇÃO PERFEITA DO VASILHAME

Galeria de Paris, 75 PORTO

8689

Snr. Lavrador

Faça as suas contas!

Prefira como adubo azotado o

Nitro-Amoniaco C. U. F. Concentrado

com 26,5 % de Azoto

(Metade nítrico * Metade amoniaco)

pois é de todos os adubos azotados
aquele que resulta **MAIS BARATO.**

3455

Pode aplicá-lo, quer à

SEMENTEIRA quer em COBERTURA



Companhia União Fabril

LISBOA - 3

Av.^a do Infante Santo
(Gaveto da Av.^a 24 de Julho)



P O R T O

R. do Bolhão, 192-3.º

DEPÓSITOS E REVENDADORES EM TODO O PAÍS



Tesouras de Poda, das reputadas marcas:
«PAM» — «NOGENT» — «PRADINES» — «GRANATE»
aos melhores preços do mercado.

Aparelhos para Análises de Vinhos, das conhecidas marcas:
«DUJARDIN SALLERON» — «BARUS» — «HEBEL»
a preços de concorrência.

Produtos Enológicos, das melhores qualidades
aos mais baixos preços.

Material de Adega, tais como: *Bombas - Filtros - Máquinas de encher - Máquinas de Gaseificar - Máquinas de Rolhar - Postigos - Válvulas - Tampões - Torneiras*, etc., etc.

Sociedade de Representações Guipeimar, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º
PORTO

3876

Telefs. 28093
53173

O MELHOR CAFÉ
É O DA

BRASILEIRA

61, Rua Sá da Bandeira, 91
Telefones, 27148, 27147 e 27148 — PORTO

(Envia-se para toda a parte)

2854

PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**
ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ
Aplica-se nos bebedouros das aves e é INOFENSIVO para
os animais domésticos
Com o desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam
Frasco pequeno . 12\$50 * Frasco grande . 50\$00
Vende-se em todas as farmácias, drogas, aviários, etc.

2692



DISTRIBUIDORES
GERAIS:

Vicente Ribeiro
& C.ª

R. dos Fanet-
ros, 84, 1.º, Dt.º
LISBOA

SEMENTES

1862

«A SEMENTEIRA» de ALÍPIO DIAS & IRMÃO, para semear nesta época recomenda:
Alfices — Azevens — Beterraba para mesa, Beterraba forraginosa — Carrajó — Ce-
bolas — Cenouras — Couves pencas, Couves tronchuda, Couves repolhos — Ervilhas
de grão, E vilhas de quebrar — Espinafres — Erva molar — Favas — Lawn grass
— Luzerna de provence, Luzerna flamande — Ray grass — Rabanetes — Trevo bar-
sim, Trevo spadony, Trevo branco anão, Trevo branco gigante Ladino, Trevo
da Pérsis, etc., etc., etc. E ainda uma completa coleção de FLORES,
próprias desta época.

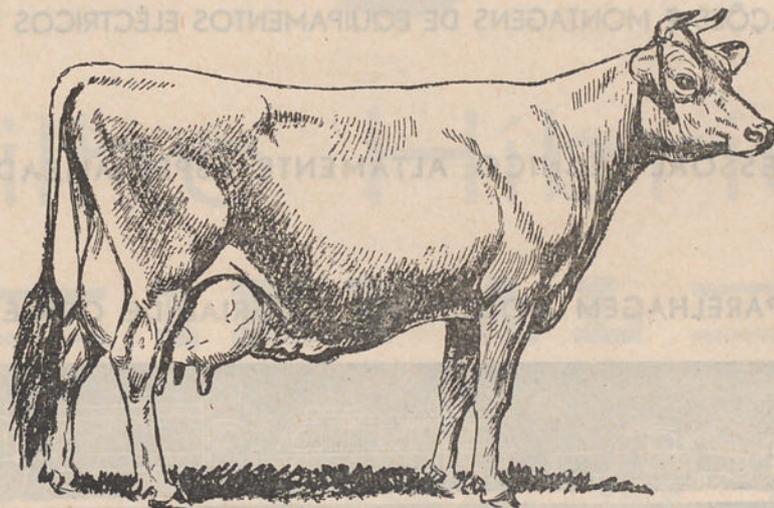
Se deseja SEMEAR E COLHER dá a preferência às sementes que com o
maior escrupulo lhe fornece a

«A SEMENTEIRA» de Alípio Dias & Irmão

Rua Mouzinho da Silveira, 176 — Telef.: 27578 e 33715 — PORTO
N. B. — Preços especiais para revenda CATÁLOGO — Se ainda não o possui, peça-o
que lhe será enviado gratuitamente.



VACA que não é ordenhada
é VACA que não dá rendimento...



...de modo que para combater a mastite que tão generalizada e que tão prejudicial é, há que ir pelo seguro: POMADA e SUSPENSÃO DE «AUREOMICINA» para instilação nos úberes, porque é um preparado de comprovada eficácia



3211

Geralmente, basta um tratamento para que o animal se restabeleça e se possa aproveitar o seu leite. Mas sendo necessário repetir-se, só há que fazê-lo cada 48 horas, o que representa outra economia de tempo e de dinheiro

POMADA e SUSPENSÃO DE AUREOMICINA*

Cloridrato de Clorotetraciclina para instilação nos úberes



* Marca Registrada

Apresentação: { POMADA
Bisnaga de 7,1 g
SUSPENSÃO
Seringa de 6 cc.

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO
Cyanamid International
A Division of American Cyanamid Company
30 Rockefeller Plaza, New York 20, N.Y., U.S.A.



Repres. Exclusivos para Portugal e Ilhas:
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.A
Rua Conde de Redondo, 64-3.º - LISBOA
Rua de Santo António, 15-3.º - PORTO



E. T. ROBERTO CUDELL, L.ª DA

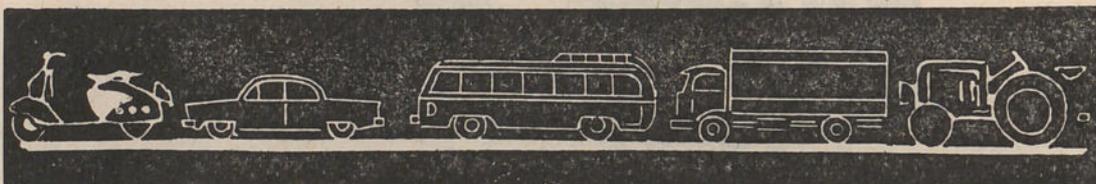
R. Faria Guimarães, 883 — PORTO — Telef. 43011/5

R. Tenente Espanca, 43 — LISBOA — Telef. 775182/4

REPARAÇÕES E MONTAGENS DE EQUIPAMENTOS ELÉCTRICOS E DIESEL

PESSOAL TÉCNICO ALTAMENTE ESPECIALIZADO

APARELHAGEM MODERNA ★ MATERIAL DE ORIGEM



2738

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOIA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, e a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, erupções ou ardência na pele.



A venda em todas as farmácias e drogas

**VICENTE RIBEIRO & CARVALHO
DA FONSECA, LIMITADA**

RUA DA PRATA 237 — LISBOA

No início da época das ervas ...

Faça uma experiência com um motocultivador

Gutbrod

e ficará admirado do seu rendimento como segadeira.

Economize fazendo com um motocultivador todos os trabalhos agrícolas, como:

Cavar vinhas e pomares

Semear

Gradar

Sachar

Regar



*Pulverizar
Segar erva
Ceifar cereal
Roçar mato
Transportar
e até*

Mungir as suas vacas

Agência Geral Gutbrod

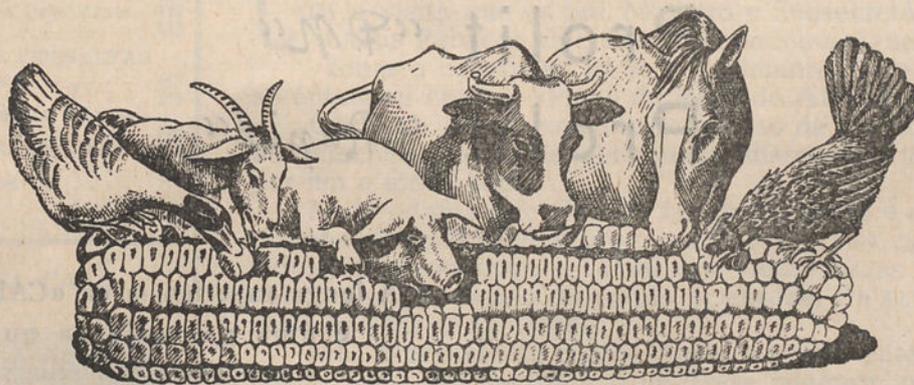
R. de José Falcão, 152-156 — Tel. 20947 — PORTO

3781



Milho Híbrido

IRPAL



O MILHO DA ABUNDÂNCIA

A VENDA EM TODO O PAIS

Dirigir pedidos e solicitar informações a:

IRPAL

1970

Indústrias Reunidas de Produtos para a Agricultura (S. A. R. L.)

Travessa do Almada, 20-2.º-Esq. — LISBOA — Tel.: 869167 e 869168

Terras Descorantes

para

Azeites e Óleos

Prolit "PM"

Prolit "Rapid"

A longa experiência da «CAFFARO»
é uma garantia da qualidade
e excelência dos seus produtos.

Produtos "CAFFARO"

- ▣ Terras Descorantes "Prolit"
- ▣ Pó Caffaro
- ▣ Oxidoreto de Cobre
- ▣ Cupro-Zin

2925

Agente:

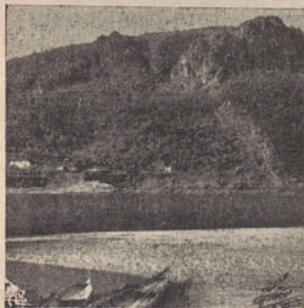
Emanuele Barabino

Rua da Prata, 93-2.º — Esq.
LISBOA - 2 — Telef. 369965

SUMÁRIO

O Plano de Rega do Alentejo.	81
A propósito da Mata e Serra do Bussaco — Prof. C. M. Baeta Neves.	82
Sanidade do pomar — Eng. Silvicultor Joaquim Abrantes Zenhas	85
Tratamentos químicos dos montados — Eng. Silvicultor António José Gonçalves Sanches	87
A desarborização da região de Lisboa — Eng. Silvicultor Orlando de Azevedo.	90
Videiras porta enxertos — Eng. Agrónomo Alfredo Baptista	92
Começando pelo princípio — Educação e clubes juvenis — Engenheiro Agrónomo Duílio Marques	94
A cana, uma planta humilde — Eng. Agrónomo Fernando Galhano	96
O Laboratório de Produtos Florestais dos Estados Unidos — Eng. Agrónomo Miguel Eugénio G. de Melo e Mota	99
Trabalhos em Fevereiro.	102
Trabalhos na Adega — Eng. Agrónomo Pedro Núncio Bravo	106
Mirante — Conde d'Aurora	108
Os vinhos que não fermentaram completamente — Eng. Agrónomo H. Bonifácio da Silva	109
Caça e Pesca — Rios a Melhorar — Almeida Coquet	111
Intermediário dos Lavradores Secção Feminina	112
Serviço de Consultas	115
— Fruticultura	115
— Viticultura	116
— Patologia Vegetal e Entomologia	117
— Conservação de Carnes	117
— Zootecnia	118
— Direito Rural.	118
— Diversos	119
Informações	119

A NOSSA CAPA



Entre-os-Rios
Margens do Douro

ASSINATURAS

Ano	100\$00
Semestre	55\$00
Número avulso	5\$00
Estrangeiro (Excepto Espanha) — mais.	50 %

Visado pela Comissão de Censura

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Julio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR

AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrónomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) * Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66 — PORTO
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS — PORTO * Telefones: 25651 e 25652

Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º — PORTO

O PLANO DE REGA DO ALENTEJO

COM a visita que os Srs. Ministro e Subsecretário das Obras Públicas efectuaram há pouco a algumas das zonas a beneficiar, dá-se virtualmente início ao que se entendeu chamar «Plano de Rega do Alentejo».

Obra, ou antes, conjunto grandioso de obras, sonho de gerações, motivo de apaixonadas discussões, inicia-se por fim e ainda bem.

Nada admira que obra de tal envergadura e que tão profundas modificações provocará no «facies» agrícola, industrial, económico e social das vastas áreas afectadas, tenha provocado discussão acalorada. De estranhar seria que assim não fosse.

Mas o período de controvérsia passou e ante a realidade forte dos factos e o interesse superior, passado o efémero e contingente do que é humano, abatam-se bandeiras para que surja um sentir novo, espírito aberto a toda a transformação fecunda e da mesma ordem de grandeza da própria obra.

Sem dúvida que as realizações a levar a cabo são difíceis. Assentarão em estudos minuciosos donde saiam conclusões da máxima segurança e prudência, mas sempre que uma obra ou ideia generosa galvaniza a nossa gente, o resultado atinge-se com uma vitória. Daí a certeza de se encontrar uma colaboração profícua entre todos; especialistas da hidráulica ou dos solos; das forragens ou da cerealicultura; da produção animal ou das florestas; da fruticultura ou da horticultura; das indústrias agrícolas; da colonização; da economia; de todos enfim cujo fito é um único — o aumento da riqueza nacional. E correspondendo a esse esforço também o lavrador estará à altura da confiança que o País nele sempre depositou.



COMISSÃO DE CENSURA
JOAQUIM A. DE CARVALHO

A propósito da Mata e Serra do Bussaco

Pelo Prof. C. M. BAETA NEVES
Engenheiro Silvicultor

APÓS um longo período de invulgares e sentidas emoções, impostas por estranhas circunstâncias que vieram imiscuir-se no desenvolvimento da última crise universitária, melhor refrigério não me podia ter sido oferecido do que três semanas passadas em plena Mata do Bussaco.

De outras visitas e estadias em propriedades monásticas já tinha concluído que os frades possuíam um dom especial

assiduamente o extase místico, em que procuravam viver.

E se o Bussaco não era logo na altura da sua escolha, para novo assento de uma congregação religiosa, o que é hoje, os monges que ali se instalaram, defendendo o arvoredo existente, na área reservada para seu domínio, e acrescentando-o de *exóticas*, foram-lhe aumentando cada vez mais o interesse para o fim desejado e a sua beleza e rariedade.

Passado séculos, e abertas as portas tão ciosamente fechadas, durante tanto tempo, a qualquer influência perturbadora do mundo exterior, passou o público a poder contemplar e viver o maravilhoso ambiente em que a Natureza se exhibe num dos seus mais exuberantes aspectos atingidos nesta faixa atlântica da Península Ibérica em que vivemos.

Entregue a conservação da Mata do Bussaco, como se chamou à área delimitada pelo muro que a isola e defende, aos Serviços Florestais têm-se esforçado todos os técnicos que por ali têm passado em manter e melhorar as belezas naturais que a caracterizam e lhe emprestam tanto interesse e fama. Certo é que nos últimos tempos da sua história, nomeadamente nos fins do século passado, se cometeram algumas barbaridades, como a destruição de grande parte do convento, cuja responsabilidade não cabe, contudo, àqueles Serviços, nem à Administração das Matas que os antecederam.



A vista clássica da Mata do Bussaco, mostrando as edificações à volta do que resta do convento

para escolherem os locais onde se instalavam. Necessitando para as suas meditações recolhimento que lhes permitisse maior aproximação de Deus, na pureza e elevação dos seus pensamentos, acolhiam-se onde a Natureza, pelo seu encantamento, melhor lhes preparava a alma para poderem atingir mais fácil e

Mas apreciada a Mata no seu estado actual, colhe-se a melhor impressão, como resultado do cuidado com que todos que tiveram a seu cargo a respectiva administração zelaram pela sua conservação e embelezamento, bem como aqueles que, de mais alto, exerceram ali a sua influência directiva.

Pode-se discordar com algumas iniciativas ou divergir dos critérios adaptados, mas no conjunto há que reconhecer que se não fossem os Serviços Florestais e a dedicação dos seus técnicos, a Mata do Bussaco já não seria hoje o local maravilhoso que é, onde a Natureza, com a colaboração do Homem, atinge tão raro expoente de beleza e encantamento.

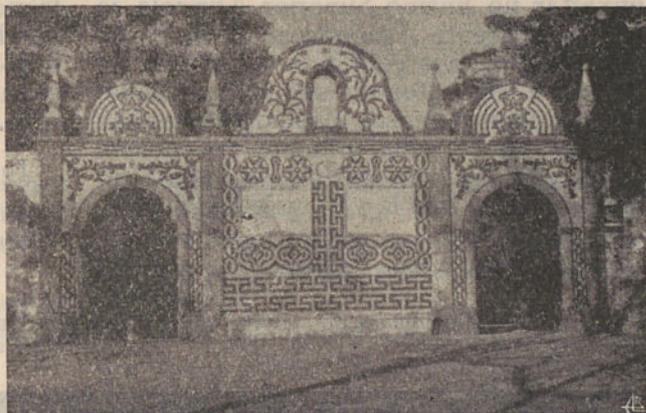
A presença hoje ali, à frente da Administração respectiva, de um Engenheiro Silvicultor com a competência e entusiasmo profissional que possui, corresponde à complexidade e extensão da tarefa que lhe cabe, acrescentada como foi à gestão da Mata do Bussaco, a de um vasto perímetro florestal, de cerca de 1000 hectares, que se estende, extra muros, pela crista e abas da serra do mesmo nome, até aos limites de Penacova, e ainda do viveiro da Mealhada.

Dos monges, a quem se deve em grande parte a notabilidade da Mata, passou-se aos técnicos florestais, a cuja presença se não deve menos, insisto, embora a sua acção se tivesse limitado, em grande parte, à tarefa administrativa, desempenhada com a maior dedicação é certo, mas ficando contudo bastante aquém do que seria para desejar, se superiormente tivessem sido estabelecidas outras directrizes, que a riqueza dendrológica da Mata plenamente justificam. E é aí que está a minha principal divergência com o que se tem passado na Mata do Bussaco, desde que ela foi entregue aos Serviços Florestais, nomeadamente nestes últimos 25 anos.

Esta Mata, em minha opinião, devia ser à muito um Arboreto e como tal orientado, para o que tem condições excepcionais; e se até agora não lhe foi

dado a orientação consequente, ainda se está a tempo, oferecendo-se nesta altura ainda melhor oportunidade para tal, uma vez que à frente da Administração Florestal, a que pertence, está um Engenheiro Silvicultor à altura das responsabilidades inerentes.

Venâncio Augusto Deslandes na sua obra «Ensino e Administração Florestal — Relatório apresentado a Sua Ex.^a o



As «Portas de Coimbra», antiga entrada principal da Mata, de onde se pode contemplar uma das melhores vistas para o lado do Oceano

Ministro das Obras Públicas, em Setembro de 1858», defendendo a necessidade da criação no País de uma Escola Superior Florestal autónoma, à semelhança das que nessa data existiam na Alemanha, França e Espanha, ao fazer a escolha do local onde devia ser instalada, dizia: «*Ha em Portugal um sítio ainda hoje celebrado pelas recordações dos seus ascetas, famigerado pela magnificência da sua opulenta vegetação, romagem obrigada de viajantes e curiosos, deliciosa estancia, que igualmente convida os contemplativos da sciencia mystica às meditações e aos exercicios da vida cenobitica, e os cultores da sciencia da natureza aos estudos e trabalhos da vida intellectual. É o Bussaco.*»

E depois de várias considerações sobre a beleza dos seus arvoredos e as vantagens da instalação ali dessa Escola Superior, em comparação com o pinhal de Leiria, a que também faz referência para

o mesmo fim, conclui: «O Bussaco parece reunir todas as condições de um bom terreno para que n'elle germine e fortifique esta semente de ensino, que ali se haja de lançar um dia».

Mas esse dia ainda não chegou, nem ali nem em parte nenhuma, embora o Ensino Superior Florestal tivesse sido criado entre nós pouco depois (1864) destas palavras terem sido escritas; mas seguiu-se um critério bem diferente, que Venâncio Deslandes condenava, o de o enxertar no Ensino Superior Agrícola, já então existente (fundado em 1852), nomeadamente por este estar instalado em Lisboa e ele entender ser indispensável que o primeiro ficasse afastado da capital.

Quando eu pela primeira vez pensei na escolha de um local para a instalação dessa Escola, e já lá vão mais de 25 anos,

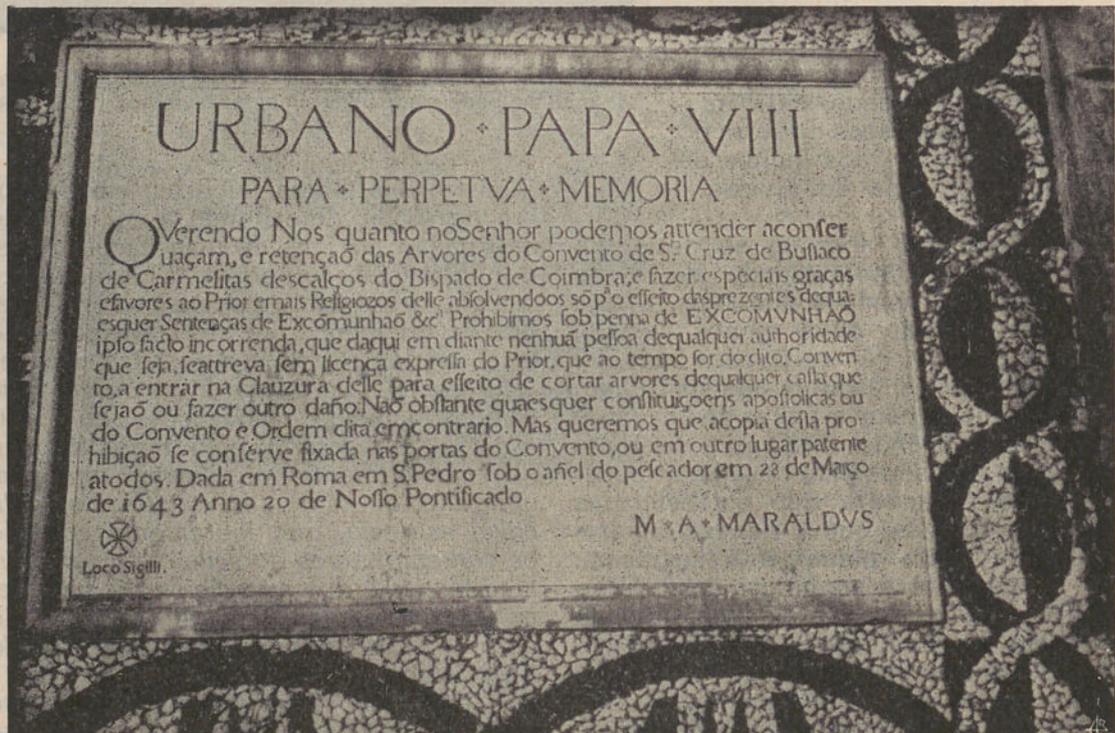
embora conhecesse tal opinião e os argumentos em que se fundamentava, optei por Sintra, tal como faria Deslandes, estou convencido, se o Parque da Pena já existisse na altura em que a preocupou igual problema. Mas este notabilíssimo Arboreto começou exactamente a ser feito nessa data.

Entretanto o Bussaco continua a ter para o Ensino Superior Florestal o maior interesse, e se não vejo razão para localizar nele a Escola respectiva, ao contrário considero indispensável a sua dependência desse Ensino, de modo a poder tirar-se da sua riqueza dendrológica todo o partido pedagógico e técnico que oferece.

Fotos do Autor.

(Continua)

Uma das lápides das «Portas de Coimbra», na qual se defende com o maior rigor os arvoredos da Mata



SANIDADE DO POMAR

3 — Tratamentos e épocas de execução

Por JOAQUIM ABRANTES ZENHAS
Eng. Silvicultor

COMO já se referiu, todo o esquema geral de tratamentos do pomar, inclui tratamentos de Inverno e tratamentos de Primavera e Verão.

Nas notas que agora se seguem, fazem-se algumas considerações sobre cada um destes tratamentos.

a) *Tratamentos de Inverno* — Estes tratamentos não têm uma acção anticriptogâmica e insecticida verdadeiramente eficaz. São, no entanto, de grande utilidade, porque contribuem para criar condições desfavoráveis à hibernação de diversos agentes patogénicos e de diferentes insectos prejudiciais às fruteiras.

Com efeito, os tratamentos de Inverno, destruindo musgos e líquenes e facilitando o destacamento de porções mortas de casca do tronco e dos ramos, expõem à acção do tempo os esporos dos microorganismos e ovos, larvas e crisálidas de insectos. Além desta acção indirecta, os tratamentos de Inverno têm também, embora um tanto reduzida, acção directa anticriptogâmica e insecticida.

Muito embora haja vantagem, por estas razões, na sua execução, os tratamentos de Inverno podem, no entanto, por imperativos de economia deixar de ser efectuados em pomares que se encontrem em muito bom estado, com todas as fruteiras vigorosas, sem líquenes, nem musgos e com a casca lisa.

Porém, sempre que as fruteiras não se

encontrem nestas condições, os tratamentos de Inverno são sempre de aconselhar, e mesmo que não sejam feitos anualmente, devem pelo menos efectuar-se em anos alternados.

Dada a natureza destes tratamentos e os fins a atingir devem orientar-se por forma a que as caldas penetrem fundo em todos os interstícios da casca das fruteiras, pulverizando-as desde a base do tronco, até à extremidade dos ramos, com pulverizadores de pressão, usando jactos fortes. Não é possível nestas condições fazer economia de calda, o que seria contraproducente, pois a casca das fruteiras deve ficar na sua totalidade muito bem molhada.

As fruteiras não devem ser tratadas, nem em dias muito frios, nem em dias muito ventosos, havendo vantagem em fazer os tratamentos depois de um dia de chuva, por ser mais fácil a penetração da calda através dos interstícios da casca.

Não obstante estes tratamentos terem que ser feitos durante o período de repouso vegetativo das fruteiras, não são indiferentes, no que respeita à sua eficácia, as respectivas datas de execução.

É certo que o seu papel de limpeza dos troncos e dos ramos, destruição de musgos e líquenes e destacamento das porções mortas de casca, é sempre satisfeito, seja qual for a altura do Inverno em que sejam executados; todavia, não acontece o mesmo com a sua acção anti-

criptogâmica e insecticida, motivo porque convém effectuá-los na época em que esta acção seja máxima.

Tem-se verificado que o poder letal dos tratamentos de Inverno, para os microorganismos e insectos, é máximo nas proximidades do início da sua actividade vegetativa, que normalmente se começa a dar nos fins do Inverno, começos da Primavera. No entanto, porque os tratamentos de Inverno não podem ser realizados depois das fruteiras terem entrado em actividade vegetativa, dados os perigos a que seriam expostas, aconselha-se, como mais conveniente, effectuá-los duas a três semanas antes de os gomos começarem a inchar.

Nesta altura, estes tratamentos satisfazem como tratamentos de higiene do pomar, ainda não prejudicam as fruteiras e têm maior acção anticriptogâmica e insecticida, do que se forem feitos mais cedo.

b) *Tratamentos de Primavera e Verão* — É durante o período de vegetação activa das fruteiras, que as doenças e os insectos marcam a sua passagem pelos pomares, provocando danos diversos e fazendo prejuízos, se não forem tomados os indispensáveis cuidados fitossanitários.

Com o início da actividade vegetativa das fruteiras, logo os microorganismos e os insectos começam também a ficar activos, podendo a todo o momento causar-lhes danos e comprometer as colheitas de fruta.

A acção perniciosa de todos estes agentes parasitários não é simultânea. Em especial, os insectos, tem épocas bem determinadas para o seu aparecimento, e se há uns que são mais perigosos quando as fruteiras estão em floração (Proplocampaz das pereiras, por exemplo), outros, como a mosca do mediterrâneo, só são de temer nas proximidades da maturação, em quanto que outros, entre os quais está o bichado das peras e das maçãs, se podem manter activos durante toda a Primavera e o Verão.

As infecções anticriptogâmicas, por sua vez, podem verificar-se em qualquer altura do ciclo vegetativo das fruteiras,

sendo sobretudo de recear quando o tempo corre quente e húmido.

Por estes motivos, conclui-se da necessidade que há em manter as fruteiras permanentemente revestidas de substâncias anticriptogâmicas e insecticidas, o que obriga a seguir um esquema geral de tratamentos, a fazer com periodicidade regular.

Para garantia de eficácia destes tratamentos, não são admitidas faltas de aplicação, nem possíveis adiamentos de execução, porque os produtos aplicados em tratamentos anteriores degradam-se ou são lavados, além de que as fruteiras, porque estão em desenvolvimento contínuo, carecem de ser tratadas, a intervalos curtos de tempo, para conveniente protecção das suas partes novas com produtos antiparasitários.

Há que aceitar este princípio e segui-lo nas suas linhas gerais, como forma de prevenir acidentes graves às fruteiras e poder colher fruta sã e em quantidade.

c) *Tratamentos de Outono* — Depois da colheita da fruta e assim que as folhas dão indícios de começar a cair, há toda a vantagem, para algumas espécies frutícolas, em fazer-lhes um tratamento cúprico, utilizando-se caldas bordalesas neutras a 2%.

Este tratamento reveste-se de especial importância no combate à lepra do pessegueiro e, no caso da pereira e da macieira, tem grande interesse na luta contra o cancro e contra o pedrado.

Sobretudo nos anos em que houve ataques de lepra e de pedrado, este tratamento de Outono é de grande utilidade como preventivo dos mesmos males no próximo ano frutícola.

O emprego do sulfato de cobre, nesta altura, mesmo em caldas concentradas a 2%, como se aconselha, não tem qualquer inconveniente.

É verdade que a folhagem das fruteiras, principalmente a do pessegueiro e a da macieira, fica com muitas queimaduras, mas na ocasião já lhe não faz falta, porque se está na sua época normal de queda.

Tratamentos químicos dos montados

ÉPOCAS E MÉTODOS

Por

ANTÓNIO JOSÉ GONÇALVES SANCHES

Eng. Silvicultor

Os insectos constituem o conjunto natural mais extenso que se conhece.

Já foram identificadas, até ao presente, cerca de um milhão de espécies, mas julga-se que outras tantas ainda não são conhecidas. São os seres que em maior número se encontram na natureza, calculando-se que ocupam, entre a fauna terrestre, cerca de 70% de todas as espécies existentes.

Além do seu número astronómico temos também que reconhecer a favor dos insectos, a sua maravilhosa constituição, o que lhe permite que resistam às mais variadas condições de meio.

Os processos de luta postos em prática para combater os insectos nocivos das culturas, nomeadamente no campo químico, tiveram enorme desenvolvimento nos últimos quinze anos.

A larga aplicação que têm hoje os insecticidas, em todo o mundo, deve-se principalmente à sua eficiência e inocuidade para o homem e animais de sangue quente, quando aplicamos nas concentrações recomendadas e tomadas as precauções de utilização para cada caso.

É nosso propósito indicar os métodos químicos utilizados actualmente pelos Serviços Florestais no combate às pragas dos montados. Antes, faremos umas breves referências aos insectos que constituem essas pragas, indicando também as

épocas próprias em que se devem realizar os tratamentos.

Montados de sobreiro

Citaremos apenas os insectos fitófagos, por ser unicamente contra estes que se procede ao combate em larga escala.

Os seus prejuizos são principalmente de duas espécies: impedimento da frutificação e redução da camada anual de cortiça.

Temos como mais importantes a *Tortrix viridana* L. («Burgo»), a *Periclista andrei* Konow («Lagarta verde»), a *Euproctis chrysorrhoea* L. («Portésia») e a *Lymantria dispar* L. («Lagarta do sobreiro»).

Todos estes insectos devoram o sistema foliar do sobreiro quando se encontram no estado de larva.

A *Lymantria dispar* L., de todas a mais prejudicial por conduzir à desfolha total dos sobreiros, teve grande importância económica até 1956.

Após um período experimental, que se prolongou de 1949 a 1951, em que foram estudados com sucesso processos químicos de combate à praga, depois de verificado que tanto a luta biológica como a raspagem das posturas contribuíam apenas para uma redução da intensidade dos ataques, não conseguindo debelar a praga, a 3.ª Repartição Técnica da

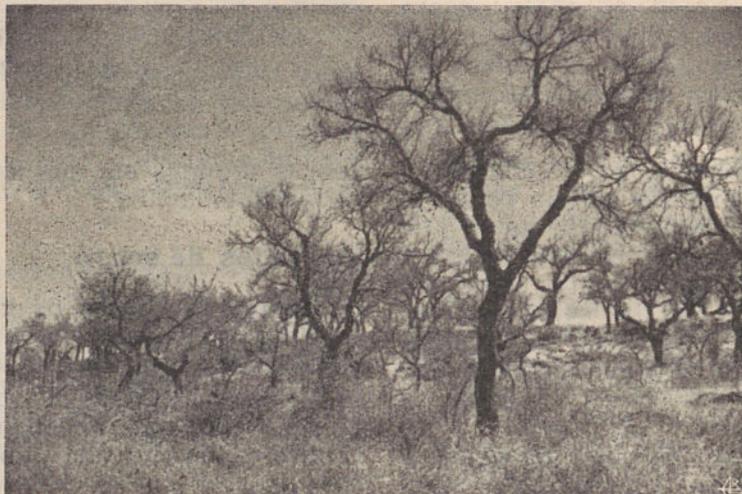
Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas organizou, de 1952 a 1956, grandes campanhas anuais que conduziram ao completo exterminio da «Lymantria». A partir de 1956 a luta química contra este insecto limitou-se ao tratamento de pequenas bolsas onde quer que fossem localizadas.

Actualmente, podemos dizer, que os montados de sobre portugueses se encontram libertos deste terrível flagelo. Torna-se contudo indispensável, como norma a seguir no futuro, uma elicaz vigilância,

de que uma praga florestal se deve combater logo no inicio do seu aparecimento.

A *Tortrix viridana* L. («Burgo») e a *Periclista andrei* Konow («Lagarta Verde») são no momento as pragas mais temíveis dos montados de sobre. Podemos dizer que dos 800 000 hectares de sobreira existentes em Portugal, convencidos que pecamos por defeito, metade encontram-se infestados por estes dois insectos.

A *Euproctis chrysorrhoea* L. («Portésia») não tem tido até hoje grande interesse económico. Os seus ataques, mui-



Sobreiro atacado pela *Lymantria dispar* L.

principalmente por parte dos subericuladores, com vista a uma pronta eliminação de focos que porventura surjam.

A mortandade que se verifica nas larvas da *Lymantria dispar* L. quando se efectua um tratamento contra este insecto é praticamente total. Semelhante resultado não é de esperar com a maioria das pragas florestais.

O controle de uma praga florestal parece à primeira vista viável, graças aos modernos e eficientes meios de que actualmente dispomos; porém, na maior parte dos casos isto só é possível quando a invasão do insecto se circunscreve ainda a uma pequena área.

Devemos ter sempre presente a ideia

de que uma praga florestal se deve combater logo no inicio do seu aparecimento, quase sempre, a pequenas áreas.

Alguns entomologistas portugueses admitem que foi devido aos tratamentos efectuados contra a «Lymantria» que se deu a infestação dos montados de sobre pelo «Burgo» e pela «Lagarta Verde», considerando tal fenómeno uma consequência do desequilíbrio biológico provocado pela acção polivalente dos insecticidas empregados.

Devemos dizer que não compartilhamos desta teoria, pois já em 1952, ano em que se iniciaram as grandes campanhas contra a «Lymantria», o «Burgo» e a «Lagarta verde» infestavam a maioria dos montados onde não se verifica-

vam ataques de «Lymantria». Nas zonas infestadas por esta praga, em virtude da enorme e maior voracidade das suas larvas em relação às das restantes, toda a folhagem dos sobreiros era por elas devorada, tornando-se assim impossível a concorrência e sobrevivência das outras espécies. Nestes montados, o desequilíbrio biológico tornou-se evidente com o domínio exclusivo da espécie mais voraz na biocenose do sobreiro — a *Lymantria dispar* L..

Como se poderá então compreender, que o desequilíbrio biológico que já não existia quando da execução dos tratamentos químicos contra a «Lymantria» fosse devido a esses tratamentos?

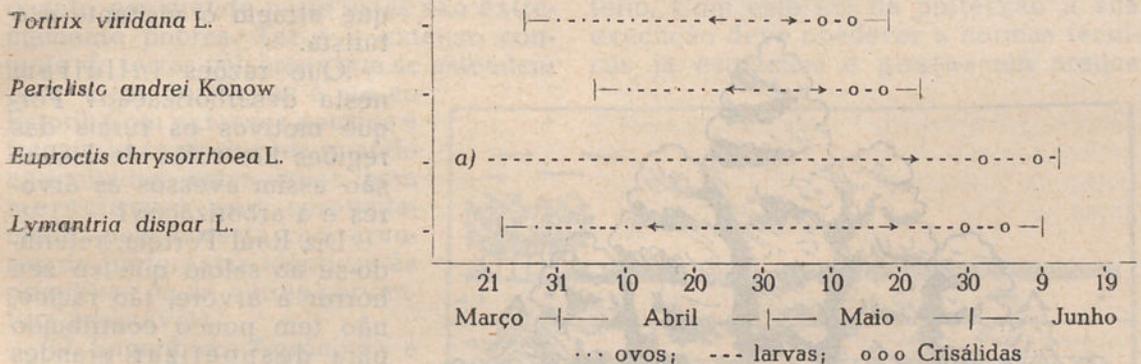
o que é fundamental, respeitar tanto quanto possível os auxiliares naturais, principalmente parasitas e depredadores da praga, que contribuem também para o seu combate.

Para os insectos citados, o tratamento químico só oferece possibilidades durante a fase larvar e dentro desta, está provado, que a sensibilidade das lagartas ao insecticida diminui consideravelmente a partir do momento da eclosão.

No gráfico que a seguir apresentamos podemos observar o periodo larvar dos insectos em questão, assinalando também a época própria em que se deve proceder ao seu combate.

Principais pragas dos montados de sobreiro

Época dos tratamentos químicos ←-----→



a) Início do periodo larvar e da época de tratamento em Agosto do ano anterior.

Pela nossa parte, julgamos até, que um tratamento efectuado num montado nestas condições, contribuirá para restabelecer o desejado equilíbrio biológico...

É evidente que a intervenção química deverá restringir-se apenas a determinados periodos, fixados em função da biologia do insecto e da sua sensibilidade ao insecticida e tendo sempre em vista,

Quando se verifique o ataque simultâneo de «Burgo» e «Lagarta Verde», devemos efectuar o tratamento no curto espaço de tempo que vai, geralmente de 25 de Abril a 5 de Maio, como se pode concluir do gráfico.

(Continua)

A desarborização da região de Lisboa

Por ORLANDO DE AZEVEDO
Engenheiro Silvicultor

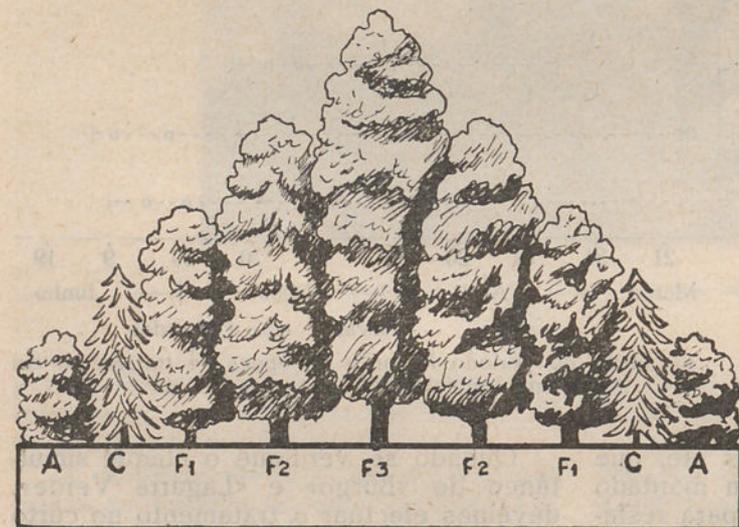
NÃO há no país, certamente, muitas regiões que se apresentem tão pouco revestidas de matas, ou mesmo de arvoredos dispersos como a região dos arredores de Lisboa. Quem avista as vertentes calcáreas ou basálti-

árvores ou matas. É preciso alcançar Sintra e Cascais para que se verifique uma modificação na paisagem. Aqui a Serra de Sintra, e mais abaixo as manchas de pinhal dos arredores do Estoril e de Cascais, são as únicas zonas verdes que atraem o visitante e o turista.

Que razões influíram nesta desarborização? Porque motivos os rurais das regiões limítrofes de Lisboa são assim avessos às árvores e à arborização?

Diz Raúl Portela, referindo-se ao saloio que «o seu horror à árvore, tão rácico, não tem pouco contribuído para despoetizar grandes zonas de terra em que se fixou dando a certos retalhos arralbadinos esse aspecto escaldado, marroquino e carrancudo que tanto aflige o homem do norte afeito às prodigalidades duma natureza luxuriante e à luz tamizada pelas frondes...»

Contudo a região permitia o revestimento espontâneo pela floresta do tipo que ainda transparece em quintas onde vegetam essências indígenas como o sobreiro e o zambujeiro. Afir-



A - arbusto

C - árvore de folha persistente

F - árvore de folha caduca

Fig. 1 — Secção de uma cortina de abrigo devidamente constituída

cas, das regiões limítrofes da Capital recebe uma sensação de desolação. Para além dos limites da cidade raras são as

mam os botânicos que a floresta natural desta região teria como espécie dominante o carvalho português embora hoje

em dia raramente se encontre qualquer destas árvores.

Não se pode explicar esta exclusiva

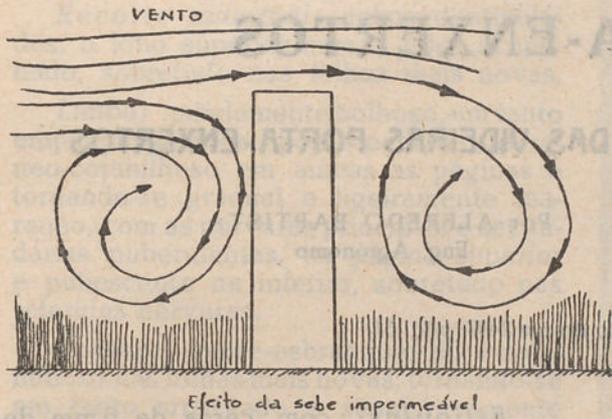


Fig. 2 — Aspecto de cortina imperfeitamente constituída provocando turbilhonamento do vento

ocupação dos solos pela agricultura porquanto em grande parte estes são extremamente pobres. Tal é o extenso conjunto de terras calcáreas que se estendem para além de Oeiras e até ao Estoril. Com extensos pousios e fraquíssimas produções quando agricultados estes solos bem mereciam o seu aproveitamento pela floresta com árvores de preferência idênticas às primitivas ou de outras porventura adaptáveis.

O Engenheiro-Agrónomo e Arquitecto-Paisagista Mello Campello num interessantíssimo e útil trabalho intitulado «A Compartimentação na defesa dos ventos» indica as seguintes espécies como possíveis constituintes de sebes e consequentemente aplicáveis à rearborização desta região:

1. Carvalho português;
2. Sobreiro; 3. Azinheira;
4. Zambujeiro; 5. Loureiro;
6. Alfarrobeira; 7. Pinheiro bravo;
8. Carrasco; 9. Murta;
10. Medronheiro; 11. Urze; 12. Tojo.

Algumas destas espécies, embora arbustivas, completam a função de pro-

tecção contra o vento, dada pelas árvores quando empregadas em sebes e podem igualmente desempenhar o indispensável sub-bosque de futuras matas.

O revestimento florestal da região aqui referida apresenta uma dupla necessidade. Por um lado um melhor aproveitamento do terreno tendo em vista o seu actual e eficiente rendimento cultural. Por outro lado a defesa das culturas contra o vento particularmente violento nesta região no período do Verão. É a nortada que sopra nos meses compreendidos entre Maio e Setembro e que tanto prejudica os trigais e as restantes culturas da época.

Decerto o vento tem a sua origem nas próprias características meteorológicas as quais não é possível alterar. Mas os seus efeitos podem debelar-se quando a arborização for levada a efeito com o indispensável critério. Com este fim de protecção a sua execução deve obedecer a normas técnicas já estudadas e postas em prática

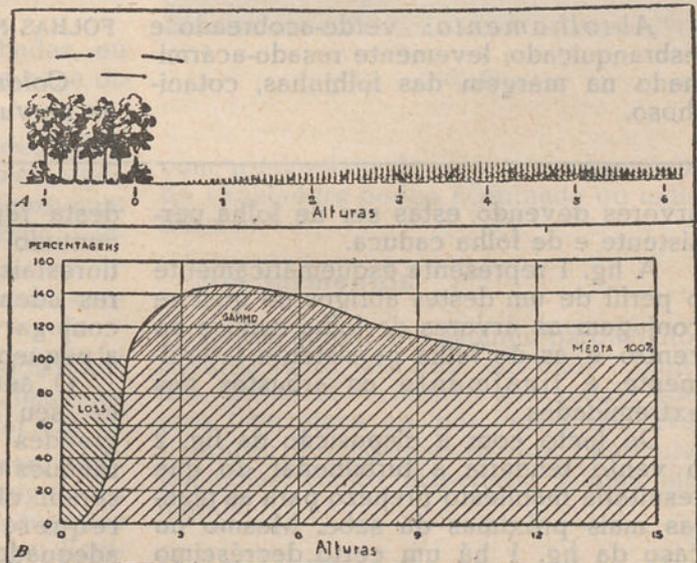


Fig. 3 — Esquema e gráfico indicativos do efeito protector duma cortina de abrigo. O seu máximo efeito obtém-se à distância de quatro a cinco alturas da cortina

com todo o sucesso em diferentes outros países.

Para conseguir a impenetrabilidade ao vento é necessário conjugar arbustos e

VIDEIRAS PORTA-ENXERTOS

DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA DAS VIDEIRAS PORTA-ENXERTOS

Por ALFREDO BAPTISTA
Eng. Agrónomo

(Continuação do n.º 2487, pág. 61)

161-49

Riparia × Berlandieri 161-49

DE COUDERC

1 — Pâmpanos

Abrolhamento: verde-acobreado e esbranquiçado, levemente rosado-acarminado na margem das folhinhas, cotanhoso.

Estímulas: com cerca de 6 mm de comprimento.

Entrenós: arroxeados do lado da luz e em volta dos nós, mais intensamente em volta dos nós nos entrenós inferiores; simultaneamente tearaneos e escassamente pubescentes, com predomínio do primeiro aspecto; costado-estriados.

FOLHAS NOVAS

Coloração: verde-acobreadas, com as nervuras levemente avermelhadas na

árvores devendo estas ser de folha persistente e de folha caduca.

A fig. 1 representa esquematicamente o perfil de um destes abrigos no qual se conjugam as árvores de folha caduca ao centro e as de folha persistente lateralmente e finalmente os arbustos nas extremidades.

De facto com a disposição da fig. 2 o vento tenderia a turbilhonar do que resultaria manifesto prejuizo para as plantas mais próximas da sebe. Mesmo no caso da fig. 1 há um certo decréscimo embora suave na altura das plantas mais próximas o qual é no entanto largamente compensado pelo acréscimo verificado nas restantes. O máximo de protecção que se obtém à distância igual a cinco alturas da cortina de abrigo permite uma redução de 50% na velocidade do vento.

Para se efectuar uma completa defesa

desta região contra o vento preciso é contudo consociarem-se grandes massas florestais com pequenos núcleos de árvores adentro de cada propriedade isto é conjugar a grande compartimentação com a pequena compartimentação.

O autor do trabalho acima indicado no seu judicioso estudo localiza estas grandes massas florestais devendo os renques de árvores ou cortinas de abrigo serem disseminados por toda a região requerendo-se para cada caso plano adequado.

A execução de plano de tamanha envergadura permitiria, simultaneamente, não só a modificação da paisagem da região sub-urbana da capital como uma apreciável modificação das condições adversas da agricultura saloia e ainda das condições de vida e dos hábitos dos seus habitantes.

página superior, nas folhas mais novas tornando-se verdes nas folhas mais velhas.

Recorte principal: sub-trilobadas.

Recorte marginal: lobos denticulados, o lobo superior com o ápice acuminado, sobretudo nas folhas mais novas.

Limbo: miudamente bolhoso, um tanto empolado junto ao ponto peciolar, tearaneo-cotanhoso em ambas as páginas e tornando-se gradual e ligeiramente tearaneo, com as nervuras principais e secundárias puberulentas, na página superior e pubescente na inferior, sobretudo nas referidas nervuras.

Peciolo: verde-esbranquiçado e cotanhoso nas folhas mais novas, tornando-se um tanto arroxeadado e simultaneamente tearaneo e pubescente, com predomínio do aspecto pubescente, nas folhas mais velhas.

2 — Folhas adultas

Dimensões e forma: medianas ou grandes, mais compridas do que largas, cuneiformes.

Recorte principal: sub-trilobadas, ou sub-quinquelobadas, as folhas da base do pâmpano apenas sub-trilobadas.

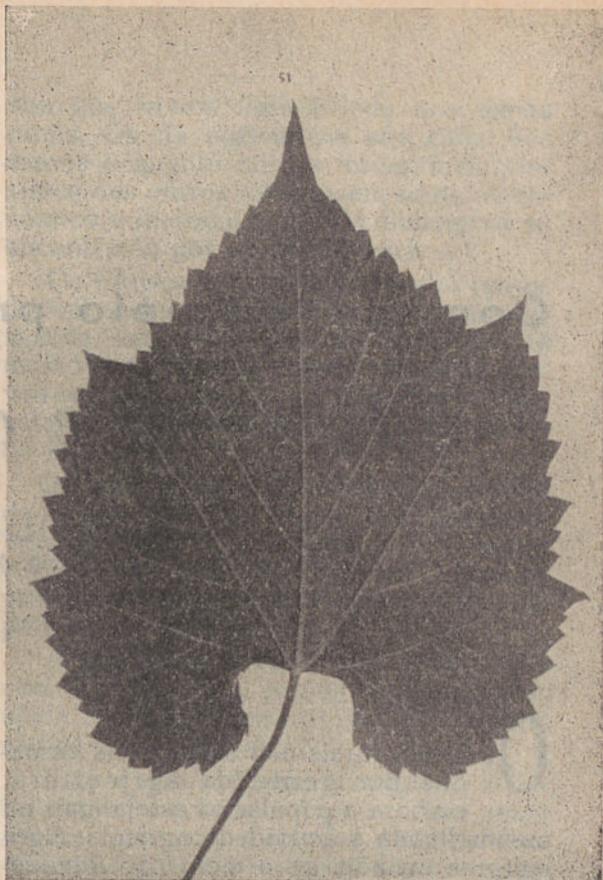
Recorte marginal: lobos dentados, com os dentes geralmente mais largos do que compridos, o lobo superior com o ápice acuminado e os laterais sub-acuminados.

Mucrão: amarelado, medianamente desenvolvido.

Aurículas: afastadas, de bordos internos sub-paralelos, ou, por vezes, bastante afastadas, formando seio peciolar em U.

Limbo: medianamente espesso, ligeiramente bolhoso, empolado na região do ponto peciolar, com a página superior verde, algo brilhante, tearanea ou ligeiramente tearanea e a inferior mais clara, escassamente pubescente, mais acentuadamente pubescente nas nervuras principais e secundárias; nervuras principais geralmente um pouco avermelhadas no ponto peciolar, na página superior.

Peciolo: levemente avermelhado, simultaneamente tearaneo e pubescente,



161-49

com predomínio do aspecto pubescente, de caneladura pouco acentuada ou indistinta.

3 — Sarmentos

Pardacentos e castanho-pardacentos escuros junto aos nós; entrenós compridos, de secção elíptica, geralmente com uma face plana ou, por vezes, côncava; finamente costado-estriados; lenticulas pequenas, muito dispersas; gomos medianos.

4 — Flores

Fisiològicamente femininas, frutificando escassamente ou, excepcionalmente, com relativa abundância.

5 — Porte da planta

Prostrado.

Começando pelo princípio

Educação e clubes juvenis

Por DUÍLIO MARQUES

Eng. Agrônomo

II

Os meios rurais não são apenas formados por gente da agricultura, embora a população esteja mais ou menos ligada à actividade agrícola. Agricultores ou não, se o meio não é industrializado, todos formam uma unidade indivisível, própria das comunidades isoladas, e cuja observação atenta será básica para a estruturação das actividades educativas rurais.

Outro panorama surge se no meio se encontram instaladas indústrias. Esboça-se ou cimenta-se outro desenvolvimento, melhoram os meios de comunicação, transforma-se o sistema de vida. Ao mesmo tempo contacta o operário industrial com o agrícola e... surge a inevitável comparação, entre as condições de trabalho e de vida de um e outro. Uns tantos operários agrícolas desejarão fugir para as indústrias e muitos ali se empregam. Outros, cuja vocação é a agricultura, ficam. Mas é necessário que não permaneçam na terra apenas os piores, os diminuídos, os incompetentes, os estropeados...

A lavoura precisa dos mais aptos porque é difícil, e eles ficarão na medida em que a retribuição entusiasme.

O mesmo se dá com os filhos dos empresários agrícolas.

Ser empregado fabril ou empresário

agrícola, são duas formas de ganhar a vida.

Para que alguns continuem empresários agrícolas e trabalhadores agrícolas, vivendo em aceitáveis condições, é necessário que uma boa parte daqueles que vão nascendo nas quintas, ali não permaneçam.

A agricultura não poderá chegar sempre para todos, mas poderá dar para alguns, e dará melhor na medida em que aqueles que ficarem se adaptem às condições modernas de trabalho, sem excessos de mão-de-obra, e ideias técnicas claras, e que adaptem as suas terras à agricultura nova que necessitamos fazer. Mas há que procurar obter uma equiparação entre os homens dos meios rurais vivendo da indústria agrícola e das outras indústrias. Para tanto é fundamental uma evolução constante em qualquer das indústrias e a especialização necessária, que não pode ser excessivamente elevada, porque o não permite a mudança constante e rápida, que é evolução da ciência e da tecnologia.

O cultivo terá que ser dinâmico, capaz de esquecer técnicas e culturas que ainda ontem eram novas, desde que se prove que existem outras mais lucrativas.

Conseguir este sentido dinâmico, é difícil, porque todos estamos sempre a

fazer resistência ao abandono das nossas «Novas» aquisições de conhecimento.

Se pensarmos em termos económicos, soubermos administração e gestão, teremos que actuar dinamicamente nas explorações que dirigirmos ou em que influímos.

Dinamicamente na agricultura e nos contactos sociais: correr o risco de uma nova experiência; cooperar com os semelhantes, tanto para produzir como para comercializar, utilizando meios de produção, especialmente máquinas, em comum e em comum colocar os produtos.

Na medida em que assim fizermos, estamos dando um primeiro passo para abrir a fechada sociedade agrícola. Mas abri-la-emos mais, se contactarmos de coração aberto, com os outros grupos de influência — comércio ou indústria. Se assim acontecer, o ambiente rural terá que modificar-se.

Para que isto se verifique, é necessário como sugerimos antes, que, ao nível económico, os grupos profissionais se assemelhem.

A redução do número de pessoas na agricultura, tendência geral, já assente nos países mais desenvolvidos, determina que se dê ao tempo e ao trabalho um valor diferente, cada vez maior quanto mais escasso; e caminhamos sempre para maior escassês.

Por outro lado, quanto mais raro o trabalho, mais especializado e mais bem pago, por mais merecedor de alto salário. Mas um maior salário, quer dizer também, mais responsabilidades.

E chegamos ao ponto. É na juventude que se mentalizam as gentes para as novas tarefas, as novas responsabilidades e os novos ambientes; e é na juventude que se preparam e educam os homens das indústrias, sejam agricultores ou outros que existam nos meios rurais.

Na educação que se processa simultaneamente com a instrução, mas que continua, não podemos ignorar as influências dos jovens das indústrias de um modo geral, sobre os da indústria agrícola, uma

vez que vivem lado a lado nos meios rurais. Os da agricultura são cada vez menos e quanto menos forem, mais próximos dos outros estarão, em sentido económico e material e menos diminuídos se encontrarão por serem da terra...

Os Clubes de jovens dos meios rurais, devem assim incluir vários grupos profissionais, salvaguardando os interesses de melhoria técnica de cada grupo. Nas actividades espirituais, culturais e sociais, estarão lado a lado, conscientes e em pé de igualdade.

O bem estar da sociedade rural, depende da participação de cada um dos seus membros e esta é tanto maior quanto maior contacto se verificar entre elementos de profissão diferente, conhecendo-se e respeitando-se mutuamente.

A discussão dos assuntos de interesse comum, religiosos, artística, desportivos, ajuda os jovens, torna-os melhores e mais sábios nos seus conceitos.

Esta a educação que transcende a instrução, educação que deve ser feita pelos jovens, por sua vontade, embora com encorajamento do exterior, através organismos oficiais agrícolas, religiosos, desportivos, artísticos, etc., nunca formando um clube para cada actividade, mas aceitando como parte da actividade geral do clube, a actividade especial que a cada organismo especificadamente interesse.

Quanto maior universalismo tiver o clube, tanto melhor cumpre a sua função. O alargamento dos motivos de interesse tem que condicionar-se todavia a um bom senso de escolha, para que a dispersão não mate a educação.

Formam-se os jovens espiritualmente, como profissionalmente, alargam-se os seus conhecimentos gerais e permite-se-lhes que tomem responsabilidades, que tenham iniciativa, que vejam eles mesmos. Descubra-lhes o clube energias latentes que só muito tarde e nem sempre se revelariam; criam-se melhores profissionais e homens mais homens, para a luta da vida e serviço da sociedade.

A cana, uma planta humilde

Por FERNANDO GALHANO
Engenheiro Agrônomo

A cana, a vulgaríssima cana que todos conhecemos ora em maciços compactos junto das ribeiras, ora em renques alongados pelas beiras dos campos e valados, agitando ao vento a sua decorativa folhagem verde acinzentada, dá ao homem, na sua humilde condição e particular contextura, uma variedade de préstimos muita vez injustamente esquecida⁽¹⁾.

Crescendo vigorosamente, e vigorosamente resistindo às nortadas mais violentas, é esta última qualidade que lhe dá uma das principais serventias. Em vez de muros de pedra ou sebes de pitosporos, são as longas fitas do canavial ondulante que abrigam da ventania campos e vinhas de várias zonas do País. Quem seguir, por exemplo, pela orla litoral de Peniche até Torres, pode vê-las, essas sebes, umas vezes espessas e bastas, outras reduzidas, por um corte impiedoso de cada lado, a uma espécie de paliçada viva; paliçada travada a meia altura por uma ou duas cintas também de canas, atadas com vimes umas para as outras. E quando o canavial não existe na beira em que é necessário, a paliçada é mesmo de canas mortas, espetadas no chão e travadas pelo mesmo processo. Quando a sebe se reduz a uma simples vedação impedindo a passagem, ela é com frequência formada por canas inclinadas em sentidos opostos, com vergas atando os vértices dos losangos vazios, e uma fiada de canas compridas rematando-a no alto.

(1) Não a esqueceu o Dr. Luis Chaves, que sobre ela escreveu um longo e erudito trabalho.

A enorme quantidade de caniço que os cortes anuais fornecem, tem, tanto na Estremadura como noutras áreas vinhateiras, aplicação imediata como tutores ou estacas das cepas. E essa utilização alarga-se mesmo a outras culturas, amparando plantas da horta ou decorativas.

Quando deixam de ser precisas, e as arrumam encostadas às árvores mais próximas, formam abrigos elementares que, à falta de melhor, substituem as numerosas cabanitas igualmente com elas construídas, e nas quais se recolhem as pessoas, quando chove. Pelas vinhas estremenhas é vulgar estas verem-se reduzidas a duas simples águas encostadas a um pau de cume: mas muitas vezes são mesmo uma pequena casota, com paredes e telhado. A cana entra também na construção dessas curiosas barracas que na área a leste de Viseu servem de palheiro e corte, por vezes de arribana de eira, quase exclusivamente feitas de materiais vegetais e nas quais, por Prime e Fragozelas, habitava mesmo gente até há poucas dezenas de anos.

Mas como material de construção a cana não fica somente nestas utilizações rudimentares. Ela aparece no Alentejo e no Algarve, substituindo as ripas do telhado: as canas são amarradas a um arame ou corda de palma que corre sobre um barroto do telhado, umas vezes presas sem espaço entre uma e outra, outras em grupos de três ou quatro, distanciados os grupos cerca de 10 cm (processo a que em alguns lugares algarvios chamam *pulo de rato*, do salto que o rato dá ao passar de grupo a grupo). Na zona litoral do

Centro, é com a cana que se fazem enxaiméis baratos. Enxaiméis de cana aparecem também como esplêndido isolador em velhos «palheiros» de pescadores, desde a Figueira à Leirosa, substituindo aí, com grande vantagem, o forro interior de tabuado usado nos outros aglomerados de habitações de madeira.

Muitas vezes feito de cana era o *caniço* que se assentava por cima das lareiras do Norte e Centro do País, sobre o qual se punham as castanhas, no tempo em que a doença da raiz não tinha derrotado os nossos soutos de castanheiros.

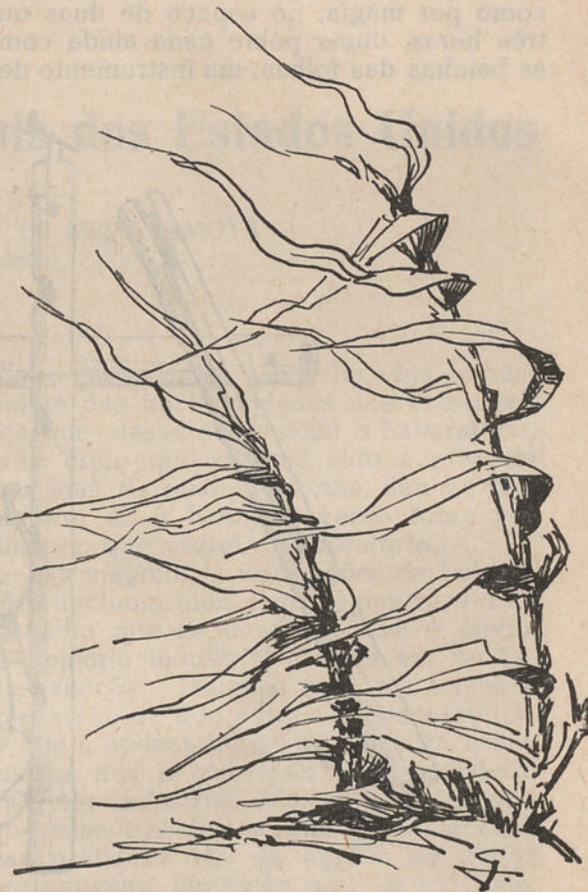
A cana dá também à indústria da cestaria, especialmente no Sul, uma matéria prima abundante e barata. A de fundo redondo, que é feita com uma técnica um pouco particular, é em grande parte empregada como embalagem para fruta e produtos hortícolas, chegando desde há poucos anos aos mercados do Porto e outras cidades nortenhas. Mas, também serve, mais alta ou mais baixa, com asa ou sem asa, como cabaz de peixe e canastra para outros fins. Em Odeleite o fabrico desta cestaria ocupa a maior parte dos homens da aldeia, durante os meses do ano em que a cana se conserva verde; aproveitando os extensos canaviais da ribeira que deu o nome à terra, em todas as ruelas da aldeia se vêem homens atirando para um lado e para o outro as longas tiras das canas rachadas, que passam no ar como chicotes.

No Norte aparece também o emprego da cana nesta indústria, mas apenas no vergame muito fino e branco de cestos de levar à feira, mais apurados. Os vergameiros delgadinhos parecem então feitos de material mais rico, muito claro e liso, mais bonitos mesmo do que os que são feitos de bambú.

A leveza que dá à cana as qualidades para a cestaria de que falamos, dá-lhe também a sua utilização mais estrondosa, ligada à indústria de fogueteiro. Na verdade não se concebe foguete sem «cana», e esta não é fácil obter-se com outro material. E também é de cana a própria «bomba» do foguete, assim como outras bombas e bichas menores.

Emprego igualmente ruidoso é a parte que ela representa nos instrumentos barulhentos usados especialmente pelo

rapazio, em brincadeiras, festas ou assuadas. São os *reques-reques*, formados por um pedaço de cana no qual se abriu, à navalha, um denteado contínuo, e por outro pedaço, rachado em parte do comprimento, que faz, ao passar por aquele,



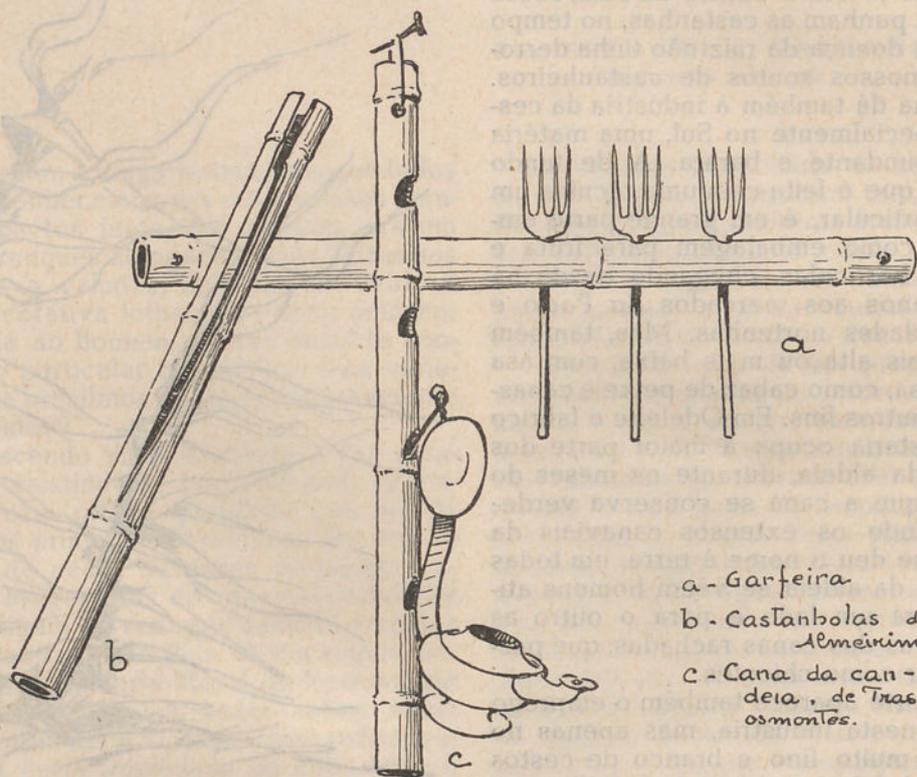
um estardalhaço diabólico. Estes reques-reques levam-nos muita vez, à falta de outros mais completos e cómicos, os rapazes que vão às sortes, no litoral minhoto.

São também os *reu-reus*, que a malta miúda, a norte de Viana, emprega principalmente pela Quaresma, e que imitam as antigas matracas da Semana Santa. E ainda as *castanholas*, que acompanham os grupos musicais ribatejanos, e nas quais a cana, rachada em parte do comprimento numa maneira especial, marca o ritmo por sacudidelas bruscas.

É, porém, na factura das flautas, que a cana, neste capítulo, tem a maior utilidade. Até há algumas dúzias de anos, a flauta era vulgaríssima entre a nossa gente rural, especialmente pastores. De bizel ou travessas, curtas ou compridas, nuas ou decoradas, era uma surpresa ver surgir, como por magia, no espaço de duas ou três horas, duma pobre cana ainda com as bainhas das folhas, um instrumento de

tina de porta usada no Sul, formada por fios e canudinhos delgados, que, ao agitarem-se com a aragem, impedem a entrada das moscas.

E falta agora a sua aplicação a brinquedos infantis, umas vezes em soluções conhecidas e que se repetem, outras que a fantasia faz surgir no momento e para fim oportuno. Que se lembrem da armação das estrelas, das pistolas e espingar-



a - Garfeira
 b - Castanholas de Almeirim
 c - Cana da candeia, de Trasmontes.

que tiravam uma música simples, alegre, deliciosamente fresca.

Em serventias mais prosaicas vamos encontrá-la em vários utensílios caseiros, como as *canas de candeia* transmontanas — pedaços de cana dependurados por uma ponta, com vários buracos abertos no seu comprimento, dos quais a candeia se suspende à altura desejada —, ou os *garfeiros* — nos quais os cabos dos garfos de ferro entram em buracos dum pedaço firmado horizontalmente; e os *sopradores*, os *respiradouros* dos pipos de vinho novo quando transportados ainda em restos de fervura, as dedeiras dos ceifeiros. E noutro género, aquela espécie de cor-

das, das gaiolas de grilos, e de tantas outras coisas toscas e deliciosas, aqueles que voltem à época anterior ao plástico, o qual, dando à criançada uma série de coisinhas por vezes maravilhosas, lhes tira contudo o esforço do fabrico, e a satisfação que dele resulta.

Quantas coisas mais! Para terminar lembremos somente a cana a ornamentar festas e cerimónias populares, a fazer os variados *ramos* decorativos ou profiláticos — ramos de medas, ramos de Maio, etc. —, e até a sua própria beleza, quando fustigado pela ventania, todo o canavial se curva, para se erguer de novo numa esplêndida luta vitoriosa.

O LABORATÓRIO

de Produtos Florestais dos Estados Unidos

Por MIGUEL EUGÉNIO G. DE MELO E MOTA
Eng. Agrónomo

NA cidade de Madison, capital do Estado de Wisconsin, tem o Ministério da Agricultura dos Estados Unidos (U. S. D. A.) um magnífico Laboratório de Produtos Florestais. O Laboratório foi inaugurado em 1910, tendo nessa altura um total de 45 empregados, incluindo técnicos, pessoal auxiliar e administrativo. Quando em 1960, celebrou as suas Bodas de Ouro, 50 anos de bom e efectivo trabalho, era já bem diferente.

A Primeira Grande Guerra tornou urgente a investigação sobre produtos florestais, levando ao alargamento do Laboratório e ao desenvolvimento de variados estudos como, por exemplo, sobre madeiras e colas para a fabricação de hélices para aviões, onde se aprendeu muito que viria a ter aplicação em outras construções em madeira laminada, tanto na paz como na guerra. Durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, a construção de navios em madeira voltou a ter um interesse especial no combate às minas magnéticas.

O Laboratório de Produtos Florestais encontra-se instalado num imponente edifício inaugurado em 1932. Na entrada, a madeira predomina. Uma escadaria com uma bela balaustrada, um soalho de magnífico parquet, uma série de vitrines mostrando as variadas aplicações da madeira, fazem um conjunto de aspecto luxuoso pouco vulgar em laboratórios nos Estados Unidos. No balcão da recepcionista, num

globo em madeira, são colocadas as bandeiras das nacionalidades dos estrangeiros que, nesse dia visitam o Laboratório. Não creio que tivesse sido a primeira vez mas, de qualquer forma, deu-me prazer ver ali a bandeira verde rubra nos dias em que visitei o Laboratório.

As magníficas instalações do Laboratório incluem tudo o que é necessário ao trabalho que se deseja. Como é óbvio, maquinaria industrial abunda em muitas das secções. Nalguns sectores temos a impressão de que entramos numa fábrica, o que é apenas lógico se pensarmos que muitos dos problemas têm verdadeiro carácter industrial. Mas não se imagine que esse trabalho se limita às tais «coisas práticas» tão do agrado de certos portugueses, limitação que, se existisse, teria como consequência o Laboratório não ser capaz de produzir senão uma muito pequena fracção do que actualmente produz. O Laboratório dispõe do mais avançado equipamento para estudos de química, utilização de radioisótopos, um computador electrónico e um microscópio electrónico.

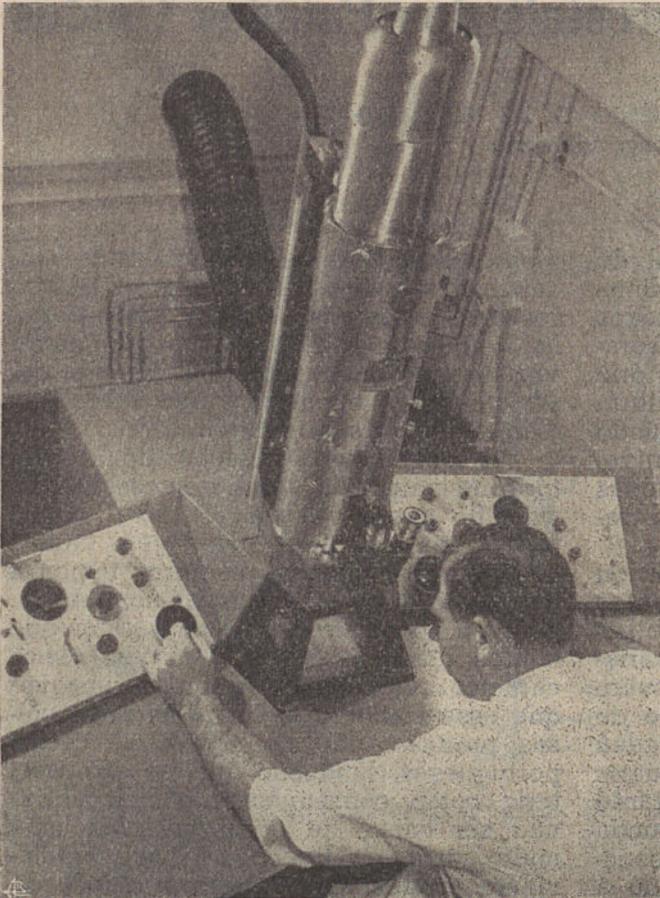
O Laboratório não tem funções de ensino mas, como é natural em qualquer instituição de investigação científica, tem sempre tirocinantes a fazerem a sua especialização e a prepararem as suas teses.

O trabalho divide-se por 7 Divisões Técnicas, 2 Divisões Auxiliares e uma Biblioteca. As Divisões Auxiliares (desti-

nadas, segundo se indica numa publicação do Laboratório, a «libertar os técnicos tanto quanto possível, dos assuntos de rotina») são a dos Serviços Administrativos e de Publicações e Informação.

As 7 Divisões Técnicas e as linhas gerais do seu trabalho são:

«Conservação de madeiras», incluindo a patologia da madeira e o estudo de



O microscópio electrónico usado no estudo da ultraestrutura da madeira (Foto gentilmente cedida pelo Laboratório de Produtos Florestais, U. S. Forest Service)

agentes conservadores. Para os seus numerosos visitantes o Laboratório dispõe de excelentes demonstrações (como em todos os sectores) em que se comparam os resultados de diferentes tratamentos.

Na «Divisão de Embalagens» investiga-se a forma de obter melhores e mais

eficientes embalagens, de todos os tamanhos e para todos os produtos. Uma gigantesca máquina, composta, essencialmente, por um robusto tambor metálico de cerca de 3 metros de diâmetro, que roda segundo o seu eixo, foi construída propositalmente para ensaio de embalagens (incluindo caixotes grandes), submetendo-as a uma série de tramboliões.

Na «Divisão de Trabalhos em Madeira» a pesquisa centra-se especialmente em contraplacados, colas, etc..

A «Química da Madeira» é estudada numa outra Divisão e compreende-se o desenvolvimento enorme que tem ao pensarmos nas múltiplas utilizações deste produto. É uma Divisão em que a chamada «ciência básica» se encontra muito desenvolvida, pois só conhecendo melhor a composição e reacção dos produtos da madeira se poderá encontrar solução para muitos problemas.

A «Divisão de Física e Engenharia» estuda os aspectos físicos da madeira, resistência, propriedades eléctricas, construções laminadas, etc..

Uma Divisão é inteiramente dedicada à «Polpa de Papel».

Finalmente, uma outra Divisão, sob o título pouco elucidativo de «Crescimento da Madeira e Relações de Utilização» engloba uma série de trabalhos fundamentais, alguns com relação com todas as outras Divisões, desde as condições de crescimento das árvores até ao estudo da ultraestrutura das células. Esta última parte, assentando essencialmente, na microscopia electrónica, está a cargo do Dr. Irving B. Sachs e foi a secção do Laboratório que mais me interessou por ser o sector de investigação que tem mais pontos de

contacto com os problemas de que me ocupo.

Trabalham no Laboratório de Produtos Florestais 425 pessoas. A terça parte deste número são técnicos, o restante pessoal auxiliar e administrativo.

Para se avaliar o interesse que o Labo-

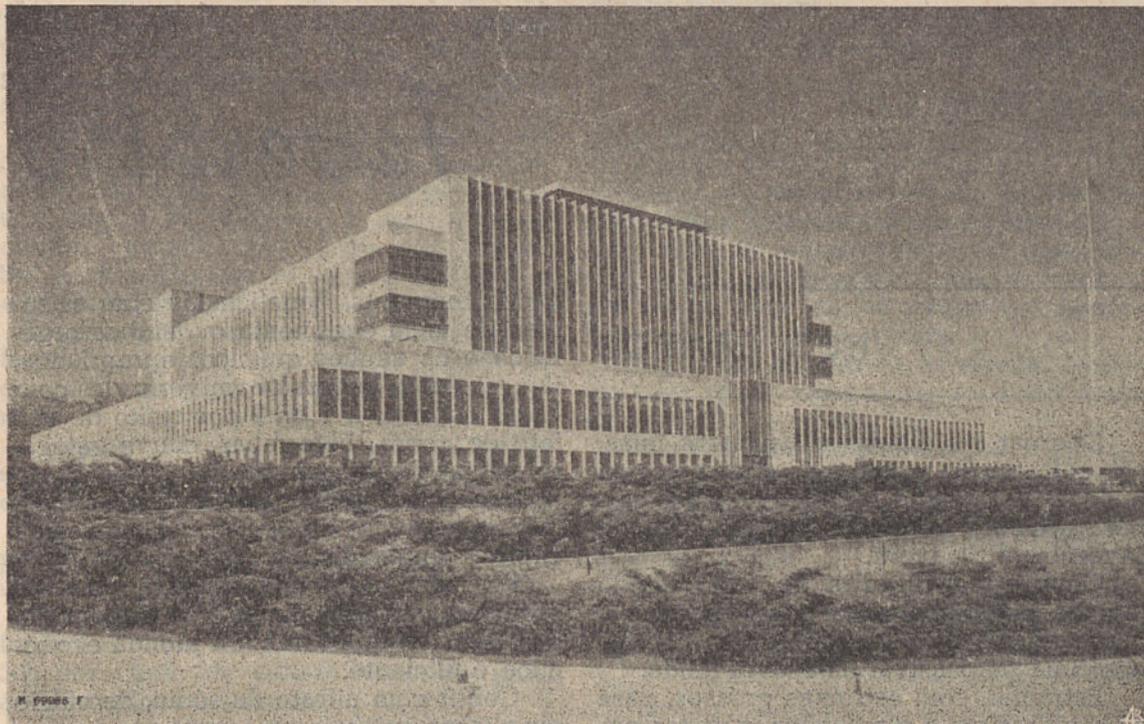
ratório desperta basta dizer que o número de visitantes, no último ano, foi de cerca de 3600 americanos e 300 a 400 estrangeiros. Em resposta a consultas foram escritas mais de 100 000 cartas.

O número de publicações editadas pelo Laboratório é, igualmente, muito elevado, sendo a maioria para distribuição gratuita. O número de publicações presentemente disponíveis é de cerca de 2000.

O orçamento do Laboratório para o

trabalho do Laboratório, começa com as seguintes palavras:

«Em cada ano que passa o Governo Federal recebe 70 dólares de impostos por cada dólar que dispende na investigação sobre produtos florestais. Este quantitativo, aliás, é consequência, apenas, duma parte do trabalho realizado pelo Laboratório de Produtos Florestais — a parte que resultou em cerca de meia dúzia de resultados extraordinários da



O edifício do Laboratório de Produtos Florestais (Foto gentilmente cedida pelo Laboratório de Produtos Florestais, U.S. Forest Service).

ano que decorre é de 2 milhões de dólares (cerca de 60 000 contos) a que se devem ainda adicionar importantes contribuições da indústria privada.

Que benefícios colhem os Estados Unidos deste Laboratório e do dinheiro que com ele dispendem? Que parte desse benefício é recuperada, na forma de impostos, pelo Governo?

Um relatório publicado em 1954 e em que se descrevem alguns resultados do

investigação, que criaram novas indústrias e produzem cerca de 90 milhões de dólares de impostos sobre produtos manufacturados no valor de quase um bilião de dólares por ano».

Estes números fabulosos, de que resalta o extraordinário lucro de 70 dólares por cada dólar dispendido — proporção, aliás, normal em relação à investigação científica em geral — dizem-nos muito sobre as razões porque os Estados Unidos são um país rico.

Trabalhos

em

Fevereiro

NOS CAMPOS

Decruar ou alqueivar as terras nuas, em pêlo ou de restolho; e atravessar ou atalhar, por tempo favorável, como preparação para as sementeiras de fim de Inverno e Primavera.

Cobrir estrumadas de gado miúdo (ovinos e caprinos) utilizando o charrueco, grade de discos ou de molas, se não for oportuna ou possível uma lavra funda.

Estrumar, com estrumes grossos, para as sementeiras e plantações mais temporãs, cobrindo a seguir, para que o estrume não arrefeça muito e não perca elementos fertilizantes.

Semear: alguns cereais de Inverno, serôdios; e, nalguns sítios — como a Beira Litoral, e Estremadura — cereais de Primavera (aveia, cevada, centeio e trigo); ervilha e fava nas regiões mais frias e nos terrenos susceptíveis de rega; ervanços ou grão-de-bico, gero e chicharo nos sítios mais quentes; — e, nos terrenos quentes do litoral, já algum milho, assim como no Algarve e no litoral estremenho e beirão (Aveiro — terras «de monte»).

Plantar batatas em terrenos enxutos e em sítios quentes e abrigados, de varie-

dades temporãs, beneficiadas com estrumes de meia curtimenta ou adubos orgânicos e os adubos químicos apropriados, já greçadas e depois de pulverizadas com calda cúprica, a 1 ou 2 por cento de sulfato de cobre; beterrabas, couve galega, rutabaga, pastinaga.

Sachar ou mondar: as favas, as ervilhas e as searas alinhadas. Aplicar calda cúprica aos favais.

Proceder à monda química com os produtos que actualmente se encontram no mercado, que tornam a monda económica e eficiente.

Cobrir com nitrato de sódio, de cálcio ou nitroamoniacais as searas precisadas, com a primeira dose de 5 a 10 gramas por metro quadrado. E rolar as que ainda não tenham começado a encanar, por tempo enxuto.

Aplicar, por tempo húmido ou na ocasião da sachá, aos legumes (ervilhas, favas), cinzas de lenha ou superfosfatos ou gesso, consoante a natureza do terreno e a adubação de sementeira.

Limpar as ervas ruins dos prados ou lameiros, extirpando-as com grades de dentes ou removendo-as a seguir com ancinhos; — limar onde seja possível, aproveitando a água ao máximo; — fazer um corte geral às que ainda não tenham recebido nenhum, para que a rebentação

se estimule com a elevação da temperatura;—cobrir com adubos azotados, em seguida a cada corte, os prados de gramineas; e com adubos fosfatados os prados de leguminosas.

NAS VINHAS

Escavar, ou encaldeirar, se o tempo não decorrer muito agreste; cortar as raízes que tenham aparecido por cima da soldadura do enxerto. Cavar ou lavrar já no Algarve, no Alentejo e na Estremadura.

Adubar com os fertilizantes menos solúveis nas zonas do Centro e especialmente no Norte e corrigir com gesso, cal e produtos sucedâneos; e aplicar já os adubos azotados nas terras quentes do Sul e em parte das do Centro (fosfatados e potássicos).

Abriu ainda valeiras para plantação de bacelo e aplicar-lhes mato, polvilhado com cal ou gesso e continuar as surribas.

Reparar bardos, lateiros e ramadas substituindo suportes ou endireitando-os e esticando arames ou consertando-os.

Aramar os bardos com esteios de pedra, de cimento ou de madeira, e com uma ou duas fiadas de arame 13 ou 14.

Charquiçar e fazer tutores novos se forem precisos, e tratá-los com soluto a 5/6 por cento de sulfato de cobre para aumentar-lhes a duração.

Enxertar nas zonas mais quentes, utilizando as castas apropriadas ao fim, de preferência as regionais, tratando-se do fabrico do vinho, e sempre as de melhor qualidade, e das mais recomendáveis comercialmente para mesa e dispondo-as, quanto possível, em linhas alternadas ou em grupos de linhas alternadas.

Adiantar as podas, por tempo ameno, reservando para a enxertia e para a mergulhia as varas necessárias, aquelas escolhidas nas cepas mais robustas e produtivas das qualidades recomendáveis.

Aproveitar o varedo das boas variedades de porta-enxertos para constituir viveiro. Não aceitar a opinião fácil do vizinho que tem sempre um «cavalo»

especial, mas seguir o conselho fundamentado dos técnicos. Recordar sempre que o futuro da plantação depende de vários factores um dos quais a variedade do «cavalo».

Começar a empa ou erguida, nos sitios abrigados dos ventos fortes.

Plantar de acordo com as disposições legais e em terrenos anteriormente preparados e pensando em futura mecanização.

Continuar a retanchar, se ainda não estiver terminada.

NOS VIVEIROS

Cavar ou lavrar o terreno de viveiro destinado a sementeiras ou a plantações; aplicar-lhe ao mesmo tempo estrume curtido e, sendo possível, algum terriço, sobretudo para as sementes de menor tamanho ou mais delicadas.

Vigiar as sementes e as estacas estratificadas relativamente aos roedores e ao excesso de humidade.

Fazer já, em especial no Sul, algumas sementeiras (amendoeira, macieira, noqueira, pereira e pessegueiro) e plantações de estacas (figueira, marmeleiro, oliveira, videira).

NOS OLIVAIS

Decruar a fundo, terminada a apanha da azeitona, se o terreno estiver enxuto e, ao Norte, se o tempo não for muito frio ou geoso. Atalhar, onde já se tenha decruado.

Aplicar estrume ou mato triturado, havendo-os; cal ou gesso, conforme os casos, não esquecendo que estes correctivos em muitos casos contribuem para aumentar a funda e a produção do azeite;—e também adubos fosfatados, de maneira geral em todas as terras.

Plantar barbados ou estacas onde os frios não sejam fortes, especialmente nas zonas do Sul e Centro.

Podar, limpar, com critério, não con-

trariando a tendência natural das árvores, e não esquecendo que as pontas, verdadeiras chaminés de tiragem, são necessárias a um mais equilibrado desenvolvimento.

Raspar troncos e pernas muito rugosos e sujos de musgos e líquenes e pincelá-los com calda férrica ou barrela de cinza e cal, ambas económicas geralmente eficazes e, nos casos de invasão de pragas, preferivelmente com caldas apropriadas.

NOS JARDINS

Completar as podas das árvores e arbustos; e as tosquias das banquetas ou bordaduras de buxo e alfazema.

Desinfecar as plantas atreitas a doenças com caldas apropriadas, especialmente as roseiras que comecem a rebentar, porque são sujeitas ao cinzeiro.

Cavar os canteiros livres e incorporar estrumes bem curtidos e de preferência quentes.

Semear agerato, amaranto, balsamina, chagas, clarquia, coreopsis, datura, escabiosa, estaticice, galharda, girassol, godécia, heliotrópio, maravilhas, lobélia, palhaços (mimulus), tremoceiro.

Plantar amarilis, begónia, colocásia, dália, gladiolo ou estoques, passionária ou martírios, perpétua, petúnia, primavera, reseda, senécio, sensitiva, serpentina, silene, suraná (amorfófaló), tritoma, viscária e zínia.

NOS POMARES

Continuar as podas das fruteiras de pevide, mas tendo em conta que quanto melhor é o podador menos corta.

Fazer os tratamentos de Inverno, prática fundamental para uma boa sanidade do pomar. Conforme os casos recorrer às caldas cúpricas, de dinitrocresóis ou de carbolineos próprios para fruticultura.

Plantar fruteiras de pevide, ainda as de caroço nas zonas mais frias, e para o Sul, também já as de espinho (laranjeiras,

cidreiras, limeiras, limoeiros, tangerineiras e toranjeiras).

Manter ainda a protecção aérea das laranjeiras novas contra o frio e aplicar-lhes leite de cal, se persistirem as geadas; e, se houver frios, cobrir o terreno, sob a copa, com estrume grosso, palhuço, mato, etc., que é meio muito eficaz de protecção contra os frios.

Estrumar, onde haja disponibilidades; e aplicar gesso ou cal, ou sucedâneos, conforme os casos, a cal especialmente, aos citrinos nas terras que a não possuem.

Enxertar de fenda as árvores de caroço que a aceitem melhor (ameixeiras, damasqueiros e pessegueiros).

NAS HORTAS

Cavar ou lavrar fundo os terrenos que estejam livres e em bom estado; estrumar abundantemente, ao mesmo tempo; e, nos terrenos fortes e habitualmente muito estrumados, proceder a calagens em doses não inferiores a 15 ou 20 quilos por are (100 metros quadrados).

Sachar ou amontoar, favas, ervilhas e outras hortaliças como, na Madeira, as semelheiras (batateiras) e tomateiros, que o precisem; e beneficiá-los com adubação apropriada.

Estimular as alcachofras, que recebem estrume de cabras ou de ovelhas, com cevadouro ou sulfato de amónio ou nitrato. Limpar os morangueiros e adubá-los apropriadamente.

Semear — em alfobre ou viveiro ao ar livre ou em cama quente, conforme for o caso — acelga, alfaces, cebolas, chicória, couves, pimento, poro, salsa, tomateiro; aipo, beringela, melão, pepino, tomateiro; cebolinha, verduras (espinafre), legumes (ervilha e fava), pimenteiros, etc.; na Madeira, rabiças (cenoura, pastinaga, rabanete), e feijão para vaginha de Abril e cheiros (salsa).

Proteger os alfobres com esteiras matos ou palhas, contra os frios e as aves.

Plantar alcachofras, alhos, batatas temporãs nos sitios assoalhados e nas terras secas, beneficiando-as com estrume meio curtido ou adubos orgânicos do

comércio e adubos complementares (sulfato de amónio e superfosfato): espargos, morangueiros e no Algarve, até em sítios quentes de outras zonas, cebolas e tomates.

Proteger as plantas delicadas com esteiras ou outros abrigos.

Reservar para semente os melhores pés de nabos, que, se ainda não começaram a grelar, podem ser mudados para o sítio mais conveniente.

Preparar camas quentes para sementeiras de melões, pimentos, tomateiros.

NAS MATAS E MATOS

Semear ainda os bons matos de leguminosas, como as giestas, o piorno e o tojo, que são excelentes para camas de gado, para cevalhos ou adubos verdes, para pastos e, ainda para a defesa das terras inclinadas e adubá-los sempre com superfosfato.

Roçar ao máximo, antes da Primavera, para melhor rebentação do mato e para a produção maciça de estrumes, que hão-de empregar-se nos renovos (batatas, milho, etc.) em grandes quantidades.

Nos pinhais continua a colheita de pinhas para obtenção de semente.

NO APIÁRIO

Prossiga-se com mais interesse ainda, nos trabalhos indicados para o mês anterior; e como as obreiras iniciam quase por todo o País a faina da colheita, importa dedicar mais cuidada atenção à vida do colmeal.

A postura, começada já em Janeiro, recebe neste mês de Fevereiro um impulso considerável.

Como é sabido, a criação consome grandes quantidades de pólen e de mel e por isso se deve atender a que não falem estes dois géneros de provisões, igualmente indispensáveis ao desenvolvimento das colónias. Como a colheita de néctar é, por enquanto, insuficiente para

os gastos das colónias, mesmo quando o tempo corre favorável, torna-se necessário verificar, de quando em quando, a quantidade de mantimento existente em reserva nas colmeias. Por isso, basta levantá-las e notar o peso comparando-o com o de uma vazia.

Este exame, se não for feito em todas, deve, pelo menos, realizar-se várias vezes nas colmeias que entraram no período de inverno com maior falha de provisões.

Correndo o tempo favorável, a quantidade de pólen recolhido, quase sempre chega para as despesas quotidianas; mas, como as reservas acumuladas nos favos durante o Outono são, por via de regra, pouco consideráveis, importa que o apicultor atenda, com particular interesse, à entrada desta subsistência.

Da maior ou menor quantidade recolhida tirara ele ainda preciosas indicações sobre o estado e vitalidade das suas colónias.

Se é frequente a entrada de obreiras calçadas e se notar, à tarde, um sussurro especial no interior das colmeias, tenha-se como certo que tudo corre bem, não sendo, portanto, necessária a nossa intervenção.

Mas faltando mel ou pólen, forçoso é dar-lhos ou qualquer dos seus substitutos que são, como é sabido, o xarope de açúcar e as farinhas de centeio e leguminosas comestíveis.

Este mês é o mais próprio para o transporte de colmeias compradas ou ainda deslocação das que precisem de ser mudadas.

Em certos anos, conforme o decorrer do tempo, já no norte do País se procede à primeira visita das colmeias nos últimos dias de Fevereiro.

Quando isto sucede no Norte os apicultores do Sul deverão ter examinado as suas, várias vezes.

Propagar e difundir a GAZETA DAS ALDEIAS, concorrendo para o aumento da sua assinatura, é um dever que se impõe aos que da Terra e para a Terra vivem

TRABALHOS NA ADEGA

Por PEDRO NÚNCIO BRAVO
Eng. Agrônomo

NESTE momento, pode dizer-se que os vinhos estão tranquilos pois a actividade fermentativa encontra-se anulada por efeito das baixas temperaturas que se têm feito sentir.

A maior parte dos vinhos novos, antes mesmo da chegada dos frios, já se encontrava, há muito, com a fermentação concluída pois os mostos da última vindima apresentaram baixa percentagem de açúcar, o que encurtou o período normal de fermentação, não havendo — pelo menos na maior parte dos casos — fermentações arrastadas como tantas vezes acontece, em anos de vinhos de elevado grau alcoólico.

Agora, graças ao frio do Inverno, os bitartratos insolubilizam-se e precipitam, para formar o sarro. Ao mesmo tempo que se dá aquela precipitação, o vinho despoja-se de muitas mucilagens, e outras impurezas, que lhe davam uma turvação mais ou menos intensa.

Muitos vinhos que no início dos frios do Inverno se encontravam turvos, já se vão apresentando mais límpidos e não tardará, certamente, a apresentarem-se mais ou menos brilhantes.

Os vinhos que acidentalmente se mantiverem turvos, devem ser observados pois é quase certo que se encontram doentes ou, pelo menos, com defeitos que necessitam de tratamento, ou de correctivo.

No decorrer do Inverno, os vinhos vão-se tornando mais «macios», à medida que os seus sais ácidos se vão insolubilizando.

Vinhos que antes do Inverno se encontravam «ásperos», muitas vezes

quase intragáveis, vão em breve apresentar-se muito mais delicados e macios.

Antes da chegada dos primeiros calores da Primavera é necessário separar o vinho do contacto com as borras, das quais nenhum bem pode resultar e muitos são os inconvenientes, que essa «desnaturada mãe» pode comunicar aos vinhos. É pois indispensável que se proceda a uma trasfega, antes da chegada dos primeiros calores da Primavera.

Em certas regiões, nomeadamente no Minho, há ainda negociantes que dão preferência aos vinhos que se mantêm sobre as borras. Orgulhosamente anunciam e fazem reclame dos vinhos — que têm para venda — afirmando aos «quatro ventos» que se encontram na «mãe».

Isso devia ser motivo forte, e suficiente, para esses vinhos serem rejeitados.

Todos os anos há a lamentar um grande volume de vinhos inutilizados por teimosamente serem mantidos sobre a «mãe». Muitos desses vinhos talvez se tivessem salvo se, impiedosa e «deshumanamente», não se encontrassem a espezinhar a própria «mãe», o que realmente é pecado grave.

Uma trasfega, antes dos primeiros calores da Primavera, é vantajosa e indispensável.

Mesmo que se faça — como convém — a trasfega, o vinho nos princípios da Primavera readquirirá a «agulha» pois esta é devida a uma fermentação especial que terá lugar nessa altura e transforma o ácido málico (butano-ol-dioico) em ácido láctico (propano-ol-oico), ao mesmo tempo que liberta o anidrido carbónico, que dá

a apreciada «agulha», característica de alguns tipos de vinhos.

Os vinhos brancos feitos de «bica-aberta», que ainda não foram corrigidos na sua natural deficiência em tanino, devem agora ser corrigidos.

O tanino adicionado, além de outras vantagens, tem a de facilitar a clarificação dos vinhos. Correntemente, os vinhos tintos não necessitam desta correção pois são suficientemente providos neste constituinte.

Nos vinhos da última colheita nota-se, com frequência, uma graduação alcoólica inferior ao limite mínimo imposto por lei. Quando os vinhos se destinarem à venda, deve-se proceder à determinação do seu grau, para assim se evitarem complicações, resultantes da falta de grau. Este ano, os vinhos ricos em álcool devem ter bastante procura, para entrarem em lotações tendentes a elevar o grau dos vinhos, que não chegaram a atingir o limite mínimo imposto por lei. É este o recurso técnica e legalmente mais de aconselhar, para os vinhos fracos.

Também agora se pode concluir a correção ácida, quando necessária e no caso de se não ter feito — no total — ao mosto, antes do início da fermentação. Não há, no entanto, vantagem em exagerar as doses de ácidos aplicadas aos mostos e aos vinhos.

No geral os nossos adegueiros ocupam sempre as posições extremas, fugindo da posição média, do chamado «meio termo». Assim falham por «excesso», ou por «defeito» mas, de uma forma ou de outra, «falham» muitas vezes.

Uns pretendem bons vinhos sem qualquer artifício, recusando-se a fazer qualquer correctivo — mesmo quando legal

e necessário — e outros, só estão bem quando a aplicar doses exageradas dos chamados «correctivos», que apenas deviam ser aplicados por «conta e medida», para realmente corrigirem deficiências, ou desequilíbrios. A adição de doses elevadas dos chamados «correctivos» trará como resultado «desequilíbrios por excesso», tão nocivos como os «desequilíbrios por carência».

Também neste caso se pode dizer que «é no meio que está a virtude».

Muitos dos nossos vinicultores, principalmente os do Norte de Portugal, mostram grande simpatia pelo engarrafamento dos vinhos — destinados ao seu consumo e a presentear alguns amigos — muito cedo, antes mesmo de clarificarem.

Tem por fim esta prática obter vinhos com bastante gasoso, ou «agulha», mas, quando engarrafam vinhos não clarificados, estes correm o risco de deixar abundante depósito na garrafa e, as suas qualidades, de paladar e aroma, sofrem com esta prática.

Quando se pretendam vinhos com «agulha», deve engarrafar-se o mais tarde possível, mas antes da chegada dos primeiros calores da Primavera.

Assim, os vinhos já nas garrafas, logo que o tempo aqueça, sofrem certamente uma refermentação, ou a fermentação do ácido málico, que dará origem ao despreendimento do anidrido carbónico. Nessas condições, os vinhos ganharam qualidades, sem adquirir defeitos. Não devemos, no entanto, esquecer que a «agulha» não liga bem com qualquer tipo de vinho, da mesma forma que as luvas, o chapéu, ou as peles, não ficam sempre bem, a qualquer senhora, qualquer que seja o vestido e os sapatos que apresentem.



JARDINS

Pelo CONDE D'AURORA

Jardins...

Mas então não atingem que são indispensáveis?

Educativamente.

Socialmente.

Esteticamente.

Na Cidade—"nessa cortina verde a constelar de fábricas", como escreveu Carlos Hauguet Martin.

Pulmão da Cidade—indispensável ao respirar da Cidade.

Criem-se jardins, parques, relvados, maciços de flores, de arbustos, de arômas, de ornatos, de desenhos, de formas...

E água, água—repuxos, fontes, lagos, taças, bicas...

Jogos de água...

Refundam-se os tristes jardins—parques das vilórias de Portugal, inesteticamente, burocraticamente, camarariamente, orçamental e fiscalmente erectos no séc. XIX—pelo projecto do Horto mercantil e possidónio...

Vilas sem jardins mas com parques de grutas de cimento e lago municipais—tristes parques em série, merendal dos santuários de escala certa das excursões domingueiras: "Santinha de Arcozêlo", La Salette...

Jardins de Mestres-de-Obras boçais e primários—fora com eles.

Jardins, sim, mas de Arquitectos-paisagistas—monumentais—e já dizia o clássico que "o jardim do séc. XV e XVI se compunha do mesmo modo que o pórtico de uma igreja da contra-reforma, onde cada trave horizontal representava o piso de um terraço de jardim"...

Jardins...

Abandonados, por essa província de Portugal fora, os velhos jardins de buxos e de

caramanchões, taças de granito jorrando escumosas águas pelas narinas dos seus golfinhos; glorietas de "brasileiros", gémeas no Entre-Douro-e-Minho e nos morros fluminenses de Santa Teresa e das Laranjeiras; labirintos de murta talhada, bosques de japoneiras gigantescas—ao abandono e esquecimento, arruinados como o velho solar, o arrematado mosteiro, o degenerado palácio...

Há dois anos o meu amigo Lorde Talbot de Malahide veio a Portugal à assembleia anual da sua Associação de Rodendristas—escolhida a época das camélias...—(E no ano seguinte reuniam no Japão...).

Mostrei-lhe os Jardins do Palácio Fronteira e de Queluz—e alguns de solares minhotos.

Quem, entre portugueses, conhece os Jardins de Portugal?

E na Cidade, além dos tísicos, das criadas de servir e dos militares sem graduação—quem frequenta o Jardim Público?

Jardim Público de Música ao Domingo, da minha infância—quem te lembra?

Papá, Mamã, Filhas casadoiras—bengala de castão de prata, sedas roçagantes espartilhadas, emplumadas—mas como e onde se conhecem, hoje, os Meninos-Bem e suas futuras desposadas—caída no esquecimento a música do Jardim Público, destruídas as varandas à dimensão humana, erguidas ao 4.º e 5.º pavimento?!...

Já só nos antiquários se topam as reixas das sacadas "de peito de rôla"...

Pobres jardins abandonados, municipais ou solarengos—ou reconstituídos a cimento armado e desarmado...

Crie-se o sentimento dos jardins, necessidade do espírito, do agregado social, da família, da cidade, da grei, do povo, da alma!

Os vinhos que não fermentaram completamente

Por H. BONIFÁCIO DA SILVA
Eng. Agrónomo

DEVIDO essencialmente, às más condições de vinificação, devido à confusa intervenção racional do homem, durante o fabrico, surgem de vez em quando, vinhos meio doces, sendo motivo de sérias apreensões para os seus possuidores.

O açúcar não fermentou completamente, porque as leveduras não encontraram as condições ideais para cumprirem cabalmente, a missão imposta pela natureza: o desdobramento completo da glucose. O seu trabalho ficou por conseguinte incompleto. Os microorganismos úteis sofreram as consequências nefastas de uma vinificação mal conduzida, sobreveio a fadiga, e talvez, também, a sua asfixia.

Estes insucessos sobressaem especialmente, nas regiões, onde é hábito colherem-se uvas ricas em açúcar e pobres em ácidos, em que a fermentação decorre na presença de elevadas temperaturas, em recipientes de grandes capacidades, com deficiente arejamento.

E, quando isto sucede, exige-se mais presença da parte do enólogo. Portanto, impõe-se uma série de operações, de modo que o açúcar seja transformado pelas leveduras e não pelas bactérias.

Quando surgem estes casos é imprescindível uma intervenção judiciosa, a fim de se contrariar o seu desenvolvimento, pela criação de condições impróprias à sua actividade. Se estes microorganismos, providos de inutilidade, tiverem principiado a contactar com os constituintes do vinho, a luta tem de ser mais tenaz,

a tarefa é bem mais árdua, e mesmo que se dispense uma assistência constante, duvidamos que se consiga pôr termo ao domínio absoluto, pelo menos economicamente.

Ora, estes aspectos económicos têm de ser sempre devidamente ponderados, se não quisermos sossobrar.

É que os processos de combate são inoperantes, quando as bactérias se apoderam totalmente dos constituintes do vinho. Por isso, convém actuaros rapidamente, se o vinho amuado ainda não estiver invadido pelos agentes perniciosos.

Mesmo, que os mostos-vinhos venham a fermentar, há sempre uma certa dificuldade em lhes imprimir uma limpidez conveniente; nunca chegam a atingir a clarificação dos vinhos, quando o fabrico decorre normalmente.

As trasfegas, as adições parcimoniosas de sulfuroso, a subida da temperatura, tais são alguns dos cuidados a dispensar, antes do desenvolvimento das bactérias.

A fadiga das leveduras aliada à presença do álcool no meio, não são condições ideais para as fazer despertar. As leveduras, sendo microorganismos aeróbios, necessitam de oxigénio para a sua actividade, e portanto, temos de recorrer a operações favoráveis ao seu fornecimento. Podemos então, recorrer com utilidade, ao arejamento, à insuflação de ar, ou a qualquer outro meio dotado de eficiência. Mas, se esta prática não for suficiente, como é natural, convém seguir outro caminho.

Operando sobre um pequeno volume de vinho, procura-se elevar a sua temperatura, e pelo adição de activadores de fermentação e de fermentos em franca actividade, talvez se consiga o nosso objectivo: pôr em marcha a complexa «máquina» fermentativa, que se encontrava emperrada.

Todavia, estes processos, como é evidente, só nos parecem viáveis, quando se trata de pequenos volumes de vinho amuado. Caso contrário não são práticas expeditas, não são operações económicas. Mas, na presença de factos já consumados, não podemos ficar indiferentes, sem tomar uma atitude. Impõe-se a efectivação de práticas etinentes à melhor solução. Salvar o barco prestes a submergir, é um dever, que sempre se impõe ao bom timoneiro.

Mais uma vez, chamamos a atenção para os prejuizos económicos, que podem advir de uma vinificação mal conduzida. É durante o fabrico, que nos devemos manter circunspectos, exige-se equilibrio, pondere-se na desinfeção e correção dos mostos, acompanhe-se as fermentações judiciosamente, intervindo sempre que se deem oscilações bruscas de temperatura. Todavia, a nossa missão torna-se ainda mais importante, após as fermentações tumultuosas, isto é, durante as fermentações secundárias, no declinar da actividade fermentativa. É durante esse período final, que mais se impõe a nossa vigilância, sempre aliada a uma lúcida compenetração no nosso papel, como preciosos colaboradores da natureza.

Os vinhos, com açúcar por desdobrar, representam pois, um grande perigo. São uma porta aberta para a invasão dos agentes favoráveis ao rompimento de todo o equilibrio.

A decomposição do açúcar pelas bactérias, originando ácido láctico e acé-

tico é a característica fundamental dos vinhos meio doces, imprimindo-lhes um sabor áspero, um gosto peculiar.

As bactérias atacam normalmente, os constituintes essenciais do vinho, provocando um desequilibrio notável, operando transformações importantes, ocasionando quase sempre, a perda total do produto. Estes perigos bem patentes, são mais de temer, quando a acidez é fraca, o que acontece nos grandes vinhos, e nas regiões de clima quente, onde as uvas atingem grande teor sacarino. As temperaturas de fermentação, como disse-mos, atingem valores elevados, e portanto, muito mais difíceis de conduzir, dentro dos limites óptimos para a vida das leveduras. E é sobre estes pormenores, que nos devemos debruçar, é sobre estes aspectos de vinificação, que se avalia a acção racional do verdadeiro enólogo. Ela será tanto mais valiosa e racional, a sua intervenção terá tanto mais discernimento, será tanto mais esclarecida, quanto mais afastar as possibilidades de se produzirem no meio, fermentações, que não sejam atribuídas exclusivamente às leveduras, ou às bactérias específicas da desacidificação biológica.

A prática, talvez mais eficaz, quando há sintomas de actividade bacteriana perniciosa, é a pasteurização a 60-65°, durante um minuto, pois, estes microorganismos são muito sensíveis a temperaturas elevadas. A pasteurização pode destruir a vida microbiana no vinho. Do mesmo modo, estas esterilizações só nos parecem viáveis, quando se trata de pequenos volumes de vinho, ou então, em casas bem apetrechadas, e economicamente preparadas, para suportarem os encargos inerentes a técnicas revestidas, já de uma certa complexidade, o que não é o caso da grande maioria das adegas.



CAÇA E PESCA

RIOS A MELHORAR

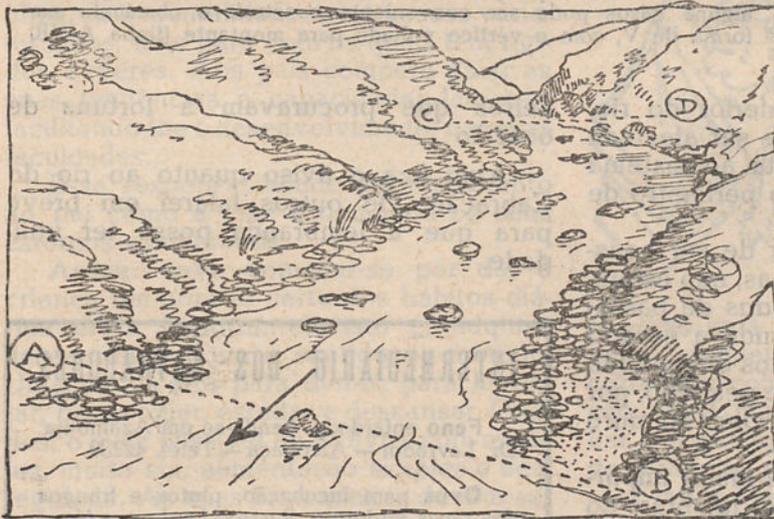
por ALMEIDA COQUET

JÁ era minha intenção escrever para a *Gazeta* alguns artigos, lembrando rios aqui do norte onde convirá executar pequenos melhoramentos, com pequena despesa, de modo a criar neles melhores condições para os seus povoa-mentos de trutas.

Um desses cursos de água, é o rio do Cabração, afluente do Lima na sua margem direita, próximo a Bertandos.

E porque está em marcha, nas veigas

primeiro número deste ano em artigo do sr. eng. Agrônomo Lago de Freitas, é conveniente chamar a atenção de quem trata do delineamento e execução da obra, para que se não deixe de atender à protecção do referido curso de água quanto ao movimento de salmonídeos. Isto, bem entendido, porque com o problema da rega das veigas, surge o problema da protecção do peixe durante a época de águas mais baixas.



Lanço de um rio de montanha, como no Cabração. Entre os pontos, AB e CD, numa extensão de cerca de 80 metros, a altura média das águas no período estival, não ultrapassa meio metro

que ele atravessa, um primeiro trabalho de emparcelamento da propriedade rústica, a que a *Gazeta* se referiu no seu

escolher convenientemente, deslocar para o leito pedras extraídas das escarpas marginais, formando paredão

tosco e irregular, que causará subida do nível das águas a montante. A água se encarregará de aperfeiçoar esta obra de represa, carreando contra as pedras grandes, areias e outras mais pequenas. Obter-se-á assim vastos «patamares» de água rápida, com um pouco mais de profundidade, óptimo elemento para comportar bons povoamentos de trutas.

Se juntarmos a isso, a plantação de arvoredo apropriado ora numa margem, ora na outra, conforme a orientação do curso de água e as possibilidades de desenvolvimento das árvores, conseguiremos magníficos *lanços* de rio de montanha, para pesca à truta.

Não pode haver o receio de falta de água na época estival. Ainda na última época de caça por lá andei em fins de Novembro, e verifiquei que, apesar da falta de chuvas, a corrente de água era suficiente para se manter uma zona de pesca ideal.

Resta falar da parte inferior do rio, justamente aquela que pode ser afectada por alguma obra com vista ao sistema de irrigação das veigas do perímetro de Estorãos.

Se algum paredão tiver de ser construído para retenção de águas, não esquecer a construção das *escadas* de passagem para as trutas. E ficando a *escada* incorporada em um dos lados do paredão o seu custo é relativamente pequeno, por se tratar apenas de um *adicional* ao muro da represa.

Tais construções são da maior importância, pois nos devemos lembrar do grande número de trutas *mariscas* que entram no rio Lima para desovar nos seus afluentes.

Antes da última guerra, aí pelos anos de 1937-1938, tive ocasião de ver na parte inferior do rio do Cabração, enormes trutas que nele entravam, vindas do Lima.

Com a época da guerra e do voltrâmio, tudo desapareceu pelas águas poluídas que vieram rio abaixo, das encostas esventradas pelas legiões de mi-



O mesmo lanço de rio, depois de colocados os blocos segundo a transversal AB, que provocará uma subida do nível da água. Em alguns casos pode ser conveniente construir o obstáculo em forma de V, com o vértice voltado para montante (linha AWB)

neiros que procuravam a fortuna de ocasião...

Aqui fica o aviso quanto ao rio do Cabração. De outros falarei em breve para que a lembrança possa ter utilidade.

INTERMEDIARIO DOS LAVRADORES

Feno enfiado, vende-se em Azambuja.
Dr. Lavrador — Alcobaça — Telef. 42230.

Ovos para incubação, pintos e frangos das raças *Paduana, Sussex, Leghorn* e *New-Hampshire*. Ovos e patinhos do dia. Vende António Belchior — Bulegueira — T. Vedras.

Secção Feminina

Cuide do seu bebé

CUIDAR das crianças é, não só uma responsabilidade, mas principalmente, uma arte. Podemos até afirmar que não há empreendimento maior para uns pais verdadeiramente dignos desse nome. É que, educar uma criança representa muito trabalho, muito esforço e uma responsabilidade que não se restringe somente ao filho mas à sua futura actuação na sociedade.

Este terá de se movimentar entre estranhos, com mentalidades e interesses variadíssimos, mas para com os quais tem rígidos deveres. Aos pais compete guiar as suas tendências e capacidades latentes, facilitando-lhe o desenvolvimento das suas faculdades.

Essa responsabilidade pertence tanto ao pai como à mãe e demanda os seus esforços simultâneos.

Assim: deve começar-se por dar à criança um horário certo dos hábitos diários mais importantes, isto é, adquirir desde muito nova o sentido do método. Uma hora certa para deitar, para levantar, para comer, estudar e descansar. Criá-los, o mais possível ao ar livre, com muita luz, muito sol, alimentação simples e bem regulada. As suas brincadeiras devem ser infantis e não ter a preocupação de os fazer participar das distrações dos adultos, caso contrário, nem chegarão a ter uma infância verdadeira.

Precisam de ter a sua vida muito à parte, sem por isso se sentirem excluídos da família, ou encerrados em colégios,

o que é sempre contraproducente, excepto nos casos declarados de rebeldia ou más tendências. Nestas circunstâncias os pais devem pôr de lado todo o sentimentalismo e procurar corrigir de início, qualquer vício ou tendência pernicioso. Mas, nos casos vulgares, e, felizmente que são o maior número, a criança apenas precisa de ser guiada, deixando-a viver, no

entanto, a sua vida, sem que ela se sinta isolada.

Deixá-la livre, mas que tenha sempre a sensação de estar envolvida pela ternura dos seus.



Não devemos desculpar-lhes uma mentira nem consentir que

a sua pequena consciência fique sobrecarregada com uma intriga ou a participação numa má acção. É o ambiente familiar e o exemplo dos pais a melhor escola de formação dos filhos.

É muito importante que a criança tenha as suas brincadeiras, os seus livros, os seus deveres e não adquira o hábito de perder tempo a estar nas salas quando há visitas ou a ir para a cozinha conversar com as criadas, se as houver, o que é um péssimo costume, pois, mesmo que não adquiram maus hábitos, o nível inte-

lectual do pessoal doméstico não é, infelizmente, de molde a poder contactar com uma mentalidade infantil, em plena formação. Têm, regra geral, conversas muito fúteis, sobre banalidades inúteis e que levam a criança a começar a desinteressar-se instintivamente dos problemas essenciais e profundos da vida, prendendo-se com uma mera bisbilhotice sem qualquer interesse futuro.

Mas, em contrapartida, também não deve permitir-se que assistam às conversas das visitas, pois os problemas tratados são, muitas vezes, inatingíveis para os seus pequeninos cérebros, o que os leva a chegar a conclusões irróneas, obrigando o seu raciocínio a um esforço de compreensão que só lhes é prejudicial.

A criança deve limitar-se a resolver os problemas do seu mundo infantil, que lhe são perfeitamente acessíveis.

Os pais devem esforçar-se por afastá-los dessas preocupações, deixá-los ser crianças à vontade, fazer as suas traquinices próprias da idade e só assim conseguirão filhos normais e saudáveis.

E saúde, para a criança, é sinónimo de beleza, força e felicidade futura, o que os pais e educadores não devem esquecer.

Seis normas importantes para a formação da criança:

- 1 — Levá-la regularmente ao médico e vigiar o seu peso;
- 2 — Brincar com ela;
- 3 — Dar-lhe roupas cómodas que lhe permitam desenvolver-se livremente;
- 4 — Cuidar de que durma bastante e sossegadamente;
- 5 — Conservá-la sempre limpa, mas deixá-la, o mais possível ao ar livre;
- 6 — Dar-lhe de comer a horas certas e afastá-la de pessoas que não estejam de boa saúde.

O cantinho da cozinheira

Já por várias vezes temos apresentado receitas de preparação de frutos, em compotas saladas e por isso nos parece oportuno sugerir algumas receitas para outra variedade de composições: os

podins. Porque constituem uma esplêndida sobremesa, leve delicada e deliciosa, transcrevemos três receitas diferentes com paladares absolutamente distintos.

Pudim gelado de laranja

Batem-se 6 gemas de ovos com 500 gr de açúcar até este ficar bem dissolvido, junta-se o sumo de 6 laranjas e 1 litro de leite já frio mas previamente fervido. Derretem-se 18 folhas de gelatina em muito pouca água quente, levando ao lume até ficar toda derretida, juntando em seguida às gemas e ao açúcar batidos, passando tudo por uma peneira muito fina e deitando numa forma a gelar.

Desmolda-se no momento de servir.

Pudim de ginjas com coco

Faz-se uma calda com 500 gr de açúcar e 100 gr de água; levantando fervura, cozem-se nela as ginjas depois de descaroçadas.

Cozem-se 500 gr de coco ralado em 400 gr de água, deixando ferver apenas uns minutos, mas de modo a que a massa fique consistente. Junta-se-lhe a calda em que cozeram as ginjas e enforma-se até arrefecer. Estando frio, desmolda-se, enfeita-se com algumas ginjas e cobre-se com 500 gr de natas batidas em Chantilly. Deve servir-se bem frio.



Pudim de framboeas

Toma-se 1 quilo de framboeas frescas, passam-se por uma peneira ou por um espremedor, de maneira a separar o sumo, que se guarda à parte. Os restos da passagem da fruta põem-se numa caçarola com litro e meio de água e levam-se ao lume. Logo que levante fervura passa-se por um pano, voltando o líquido ao lume. Junta-se 1 quilo de açúcar branco e 320 gr de farinha maizena. Em estando a farinha cozida, tira-se do lume, junta-se o sumo das framboeas, mexe-se bem e deita-se na forma, desmoldando-se depois de bem frio.

Serviço de

CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do Instituto S. de Agronomia; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sergio Pessoa, Med. Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do Instituto Superior de Agronomia; Duílio Marques, Eng. Agrónomo; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Medico Veterinario; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo — da Estação Agrária de Viseu; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo — *Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Nuncio Bravo, Eng. Agrónomo—*Professor da Escola de Regentes Agricolas de Coimbra*; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo — da Estação Agrária do Porto; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo — *Director do Posto Central de Fomento Apicola*.

II — FRUTICULTURA

N.º 9 — Assinante n.º 39 492 — *Azinhaga do Ribatejo*.

FRUTEIRA FORA DO SEU HABITAT

PERGUNTA — Venho pedir o vosso conselho acerca do tratamento que devo fazer a duas feijoas que tenho na horta.

Plantei-as há cerca de 5 anos muito pequenas e hoje a mais alta tem 2,5 m de altura. Dão todos os anos uma grande quantidade de flores que nunca vingam. Um só fruto vingou mas caiu completamente.

RESPOSTA — A espécie em questão não é dos nossos climas, mas dos países quentes. É certo que em situações favoráveis frutifica no nosso país, mas sempre mal, pois se trata duma planta com exigências que aqui não podem ser supridas.

É, a nosso ver, uma espécie sem interesse dado que temos tantas fruteiras de indiscutível valor bem adaptadas ao nosso clima, não sendo necessário adoptarem-se outras, como a referida que, mesmo no seu clima próprio não produz frutos com o interesse e valor dos nossos.

A época das excentricidades deve acabar, pois estas conduzem, como no caso presente a desilusões e a perdas, pelo menos, de tempo. — *Madeira Lobo*.

III — VITICULTURA

N.º 10 — Assinante n.º 43 373 — *Abrantes*.

RETANCHA DA VINHA

PERGUNTA — Tenho umas vinhas com cerca de 40 anos e outras novas, que me têm dado umas produções regulares. Sucede que já têm bastantes falhas, nas quais tenho plantado bachelos bravos dos que cá se usam; não lhe posso citar o nome porque não sei qual o que lhe dão, só lhe posso dizer que tenho dentro das minhas vinhas várias qualidades, das quais tenho seleccionado as que me parecem melhores, mas não tenho tirado resultado satisfatório. Muitas vezes acontece pegarem bem e desenvolverem bastante, fazendo-se a enxertia, mas passados dois anos a maior parte deles começa a enfraquecer até que desaparecem.

Depois destas observações, resolvi mandar fazer a análise à terra, pelo que envio os boletins de análise para, em face deles, me indicarem com segurança qual o cavalo indicado para fazer a retanCHA às minhas vinhas e bem assim para a plantação de vinhas novas.

Esclareço que as castas que cá uso, são: Fer-

não Pires, Diagalves, Castelão-preta e muitas outras castas em menor escala.

Mais agradeço o favor de indicar-me o viveirista de confiança onde possa adquirir as plantas.

RESPOSTA — A retanchar das vinhas, operação que geralmente se faz descuidadamente merece mais atenção.

Em regra as retanchar vão mal, já por a terra estar esgotada, já por a videira anterior ter morrido de qualquer doença contagiosa que passa para a videira nova.

Há portanto necessidade de, quando se procede à retanchar se terem em atenção as condições seguintes:

a) — causa da morte da cepa anterior.

Esta pode ter morrido em virtude do ataque de qualquer doença radicular, caso muito frequente, convindo nessa hipótese abrir a cova no Verão e deixá-la aberta até próximo da nova plantação, antes do que se deverá queimar um pouco de cal viva nesta. Se a morte tiver sido devida a nó curto ou a qualquer virose é indispensável fazer o tratamento do terreno em volta da cepa morta com D. D. T. ou outro produto semelhante.

b) — escolha do porta-enxerto.

É indispensável proceder à escolha criteriosa do porta-enxerto, pois muitos dos insucessos são devidos à falta de adaptação do porta-enxerto ao terreno.

c) — fertilização.

Deve partir-se do princípio que o terreno deverá estar esgotado pelo que interessa, antes de mais nada fazer uma boa fertilização, condição indispensável de êxito.

Na Primavera seguinte deverá ainda deitar-se, por cada barbado plantado 50 gramas de um nitrato, aplicado com uma rega ou após uma chuvada, sempre com a terra húmida.

d) — escolha da casta.

Na altura da enxertia deverá escolher-se a casta que além de outros predicados tenha afinidade com o porta-enxerto indicado.

No caso presente poderá plantar o 31 R ou 99 R e enxertar com Fernão Pires ou Castelão-preto.

A compra de barbados não identificados é o mais condenável possível e conduz a resultados sempre desastrosos.

Pode adquirir os seus barbados nos viveiros do Estado, Companhia Hortícola do Porto, Viveiros de Anseriz de Viseu, Viveiros de Riba Tâmega de Vila Real, Viveiros de Castromil de Cete, etc., mas nunca em feiras ou em viveiristas não inscritos. — *Madeira Lobo.*

VII — PATOLOGIA VEGETAL E ENTOMOLOGIA

N.º 11 — Assinante n.º 42772 — *Cantanhede.*

« BROCA DAS FRUTEIRAS ».

PERGUNTA — Posso várias macieiras com cerca de 5 anos, em que o tronco se encontra quase totalmente roído por qualquer parasita que devora a parte lenhosa deixando apenas a casca.

Rogo o favor de me indicar como hei-de remediar o mal e como devo tratar preventivamente as outras árvores sádias.

Junto um ramo de uma árvore quase totalmente roída para melhor poder apreciar.

RESPOSTA — As galerias verificadas nos ramos de macieira que nos remeteu como amostra são devidas à acção destruidora dum lagarta da família dos cossideos, a qual é vulgarmente conhecida por « broca das fruteiras ». O seu combate não é fácil por não ser ainda perfeitamente conhecido o seu ciclo biológico. A vida larvar deste parasita decorre em longos períodos no interior dos ramos desde as primeiras fases do seu desenvolvimento, logo após a eclosão dum ovo, posto por uma borboleta.

Em pomares de pomóideas onde são correntes tratamentos de rotina bem executados contra o « bichado » da fruta e afídeos pode dizer-se que a incidência desta praga é reduzida.

Para o seu caso, em face de fruteiras de 5 anos, devemos-lhe recomendar:

1.º Suprimir na copa da fruteira, e pelas partes sãs, os ramos danificados pelo parasita.

Tratando-se de ramos que pela sua grossura possam ainda ser recuperados deverá pelo orifício aberto pela praga introduzir-lhe com um arame uma mecha de algodão ou estopa embebida de sulfuro de carbono. O orifício deve ser

VINHOS-AZEITES — Executam-se todas as análises de vinhos e seus derivados, azeites, banhas, manteigas e todos os produtos de alimentação. Venda de todo o material de análise e reagentes. Cursos de aprendizagem de análises e tratamento de vinhos. Análises de recurso e peritagens em Laboratórios Oficiais, por técnico diplomado. Dirigir ao Estabelecimento Vito-Vito, R. Cais de Santarém, 10-1.º dirt.º — LISBOA — Telefone P. B. X. 27130.

tapado com um pouco de mastique de enxertia ou mesmo cera de abelhas. O sulfureto evaporar-se-á actuando mortiferamente sobre o parasita.

2.º Para emissão de novos lançamentos, fertilize as macieiras com uma adubação azotada. — *Benevides de Melo*.

XIII — CONSERVAÇÃO DE CARNES

N.º 12 — Assinante n.º 45 130 — *Cantanhede*.

CONSERVAÇÃO DE TOUCINHO. VALOR ALIMENTAR DO FARELO DE ARROZ

PERGUNTA — 1.º Qual o tratamento mais eficaz para o toucinho de porco não ficar amarelo e com ranço?

2.º A sêma de arroz é feita unicamente da casca de arroz moída?

3.º Qual é o nome correcto que tem a farinha que sai da entrecasca do arroz, no acto do descasque deste? E qual é a percentagem que esta contém de: proteína, gordura, celulose, cálcio, fósforo, manganês e vitaminas A, B₁, B₂, B₃ e D₃.

RESPOSTA — 1.º A conservação do toucinho deve fazer-se por salgamento, usando abundante sal novo e tendo o cuidado de desinfecar previamente a salgadeira com lexívia.

2.º A farinha de casca de arroz é um produto de elevado teor de sílica e baixíssimo, quase nulo, valor alimentar. Não deve por isso incorporar-se nas rações para animais. Não tem qualquer relação com a sêma de arroz, nem com ela deve confundir-se.

3.º A farinha que sai do arroz no acto do descasque, constitui a chamada sêma ou farelo de arroz. Contém cerca de 13% de proteína, 14% de gordura, 49,4% de hidratos de carbono e 12% de celulose; doseia ainda 0,08% de cálcio,

1,36% de fósforo, 1,08% de potássio, 0,67% de magnésio e 0,3% de manganês. O seu valor vitamínico é o seguinte: Vit. B₁ — 20,3 mg/kg, Vit. B₂ — 1 mg/kg, ácido nicotínico (vit. PP) — 258 mg/kg e ácido pantoténico — 20,6 mg/kg. Como alimento tem o defeito de rançar facilmente, a menos que seja desengordurada. — *Duilio Marques*.

XIV — ZOOTECNIA

N.º 13 — Assinante n.º 45 595 — *Tondela*.

OS GERMENS DE TRIGO E A LEVEDURA DE CERVEJA NA RAÇÃO PARA AVES

PERGUNTA — Pretendo incorporar na ração das minhas galinhas o subproduto gérmens de trigo e desejava saber onde o poderei encontrar à venda. Caso não encontre ou seja muito caro, poderei substituir os gérmens de trigo por levedura seca de cerveja?

Onde posso encontrar à venda bagaço de azeitona?

RESPOSTA — O fabrico de rações para aves, tem uma técnica própria que é necessário conhecer quando se pretende modificar ou calcular uma ração. Assim, a substituição de um componente por outro, raras vezes poderá fazer-se sem uma mexida geral da ração.

O germe de trigo é um produto que contém 28,5% de proteína bruta e 9,5% de gordura, além, entre outros de 44,5% de extractivos não azotados. A levedura de cerveja (seca) tem 53,4% de proteína bruta, 0,2% de gordura e 33,2% de extractivos não azotados; nos amino-ácidos constitutivos das proteínas, incluem-se quantidades elevadas de arginina — 22 gr, lysina — 21 gr e methionina — 10 gr, por quilograma. Verifica-se que o germe e a levedura, são produtos muito diferentes que se não substituem. De notar a elevada percentagem de gordura do germe de trigo, o que lhe reduz a conservação e o alto teor de proteína da levedura.

O germe de trigo não é fácil de encontrar, podendo, no entanto o senhor con-

sulente dirigir-se à Companhia Industrial de Portugal e Colónias. A levedura de cerveja tem interesse mas não deve entrar nas rações das aves em percentagem superior a 5%; pode tentar adquiri-la na Sociedade Central de Cervejas ou na Companhia União Fabril Portuense.

O bagaço de azeitona tem pouco valor para alimentação de aves, principalmente se não é descaroçado, e contém elevado teor de óleo; para o adquirir poderá dirigir-se a qualquer fábrica de extracção de óleos. — *Duílio Marques.*

XXIII — DIREITO RURAL

N.º 14 — Assinante n.º 41 373 — Braga.

«PARTILHA (ENTRE) MAIORES»

PERGUNTA — À minha mulher morreu-lhe a mãe. Deixou quatro herdeiros, incluindo minha mulher.

Uma sua irmã, que é casada, não concorda, e bem assim o marido, com o preço pelo qual nós queremos vender os prédios para o efeito de partilhas, pois acha sempre baixo o preço por que nós os queremos entregar. Quer que dêem por eles mais dinheiro e assim não há comprador.

Para evitar inventário de maiores, não podem minha mulher e os outros dois herdeiros, vender os prédios pelo seu justo valor e depositarem na Caixa Económica a parte da outra irmã? É isto legal ou haverá ainda outro caminho a seguir sem ser o do inventário de maiores?

RESPOSTA — 1. Se não há acordo entre os herdeiros acerca do destino a dar aos bens herdados não vejo outra saída que não seja o recurso aos tribunais.

2. A solução que o senhor consulente, pretende dar ao assunto, além de poder trazer futuros incómodos, não me parece viável pois todos os proprietários (e portanto também a cunhada do senhor consulente) terão que intervir na venda.

3. Permitto-me no entanto sugerir que talvez as dificuldades desapareçam se, precisamente, for encarregada da venda a herdeira discordante. — A. M. O. *Pinhoeiro Torres.*

XXV — DIVERSOS

N.º 15 — Assinante n.º 43 373 — Abrantes.

VASILHAME VINÍCOLA

PERGUNTA — Tenciono substituir o meu vasilhame vinário de madeira por depósitos de cimento armado; mas, como tenho 2 filhos, prefiro fazê-los ambulantes.

As dimensões interiores que julgo convenientes para depósitos de 2 000 litros são as seguintes: comprimento 1,25m, largura 0,80m e altura 2 m. Em face destas medidas, pedia a fineza de me indicarem qual a medida do ferro a empregar, a largura da malha, a percentagem no traço em cimento, areia e cascalho ou sarrisca e também a fortaleza da parede.

Tenho ouvido dizer que há uns bons produtos que se misturam na argamassa para reforçar a resistência do cimento e que torna a parede mais vedada. É favor informar-me a tal respeito. Depois dos recipientes feitos, qual o produto a empregar nas lavagens para os deixar aptos a receber vinho ou mosto?

RESPOSTA — O cimento armado veio possibilitar a construção económica de paredes e médios depósitos para vinhos, mas de forma alguma justifica a construção dos pequenos depósitos que pretende.

Há, de facto, tentativas para o fabrico de depósitos móveis de cimento, mas são de muito difícil construção, exigem cimbragem apropriada, cimento muito bem vidrado para ser homogénio e não se tem divulgado. Para os pequenos volumes que indica é ainda a madeira o material mais apropriado e hoje, conservando as vasilhas, quando não em uso, cheias de água em que se dissolve metabisulfito, nem mesmo o trabalho de conservação e preparação exigem.

Se pretender, contudo, construir os depósitos de que dá as dimensões, deverá dirigir-se a um empreiteiro civil para efeitos do cálculo das argamassas, etc..

O único produto que poderá adicionar à argamassa para assegurar a vedação é a terra de infusórios ou kieselgur, também chamada farinha fossil e diatomite.

O tratamento final dos rebocos deve ser feito com solução de ácido tartárico, pondo de parte *por completo* o emprego do silicato.

O afrancamento pelo ácido tartárico tem já sido frequentemente descrito nesta Revista — R.



INFORMAÇÕES

Calendário de Fevereiro

Durante este mês a duração do dia é de 10 h. e 30 m. em 1, e de 11 h. e 16 m. em 28.

DATAS	SOL		LUA	
	Nasc.	Pôr	Nasc.	Pôr
1 Sexta	7.44	17.57	12. 9	0.48
2 Sábado	7.43	17.58	12.47	1.57
3 Domingo	7.42	17.59	13.29	3. 4
4 Segunda	7.41	18. 1	14.16	4.10
5 Terça	7.40	18. 2	15. 8	5. 9
6 Quarta	7.39	18. 3	16. 6	6. 5
7 Quinta	7.38	18. 4	17. 6	6.54
8 Sexta	7.37	18. 5	18. 6	7.37
9 Sábado	7.36	18. 7	19. 7	8.14
10 Domingo	7.35	18. 8	20. 5	8.47
11 Segunda	7.34	18. 9	21. 3	9.17
12 Terça	7.33	18.10	22. 0	9.45
13 Quarta	7.32	18.11	22.56	10.12
14 Quinta	7.31	18.13	23.51	10.40
15 Sexta	7.29	18.14	*	11. 8
16 Sábado	7.28	18.15	0.49	11.39
17 Domingo	7.27	18.16	1.46	12.14
18 Segunda	7.26	18.17	2.44	12.53
19 Terça	7.24	18.18	3.41	13.39
20 Quarta	7.23	18.19	4.38	14.33
21 Quinta	7.22	18.20	5.31	15.33
22 Sexta	7.20	18.21	6.21	16.40
23 Sábado	7.19	18.22	7. 5	17.49
24 Domingo	7.17	18.23	7.46	19. 1
25 Segunda	7.16	18.24	8.23	20.13
26 Terça	7.15	18.25	8.58	21.25
27 Quarta	7.14	18.27	9.33	22.37
28 Quinta	7.12	18.28	10. 8	23.48

Q. C. em 1 às 8 h. 50 m.; L. C. em 8 às 14 h. e 52 m.; Q. M. em 16 às 17 h. e 38 m.; L. N. em 24 às 2 h. e 6 m.

Estatística Agrícola de 1961

Seguro agrícola contra risco de incêndio— Durante o ano de 1961 foram efectuados 83 459 seguros contra risco de incêndio de produtos agrícolas e 3198 seguros contra risco de incêndio de máquinas e utensílios, cobrindo um capital de 1 907 728 contos. Por estes seguros, pagou a lavoura prémios no valor de 17 130 contos, tendo recebido 4351 contos como indemnização correspondente a 375 sinistros.

Fomento— As quantidades de sementes seleccionadas que a lavoura adquiriu aos organismos encarregados da selecção e distribuição foram as seguintes:

Trigo	186 550	quintais
Arroz	18 529	»
Batata	69 302	»

Mais de metade do trigo seleccionado adquirido em 1961 pertenceu apenas a 5 variedades entre mais de 30 distribuídas (Autonomia, Impeto, Lusitano, Pirana e Campodoro). Apenas 2 variedades de arroz (Chinês e Stirp 136) representaram também mais de metade da semente seleccionada que se empregou. No que respeita a batata certificada para «semente» acentuou-se a preferência pela variedade «Arran-Banner» que representou 82 o/o de «semente» certificada, seguindo-se-lhe a «Arran-Consul» apenas com 13 o/o.

No capítulo de assistência técnica à vinicultura, os serviços oficiais e os diversos organismos de coordenação económica do sector vitivinícola receberam 66 726 consultas, tendo efectuado cerca de 870 milhares de determinações laboratoriais em cerca de 270 milhares de amostras.

Os cursos de podadores de oliveiras, em número de 31, formaram mais 514 podadores. Mais 37 cursos de podadores de videiras e árvores diversas formaram 470 podadores.

Para povoamento de matas, serras e dunas em propriedades sob a administração dos Serviços Florestais, foram plantadas cerca de 11 milhões de árvores e semeados cerca de 319 milhares de kg de sementes diversas, cobrindo uma superfície de 17 484 ha.

Ao abrigo da lei dos melhoramentos agrícolas, foram concedidos pelo Estado empréstimos no valor de 61 milhares de contos, satisfazendo 2 297

pedidos para realização de obras diversas e 61 para compra de máquinas.

Sanidade e higiene pecuária — Durante o ano de 1961 foram assinaladas doenças infecto-contagiosas nos efectivos pecuários de 7369 explorações, interessando 70 103 animais dos quais morreram ou foram abatidos 42 523. A maior parte dos casos diz respeito à espécie suína atacada pela peste vulgar (4290 explorações com 10 068 animais mortos ou abatidos) e pela peste atípica — Virus L., mais conhecida por «peste africana» (174 explorações com 19 021 animais mortos ou abatidos).

Entre as medidas profiláticas tomadas pelos médicos veterinários em regime livre ou em campanhas oficiais avultam as vacinações contra o carbúnculo bacterídico (1 253 410 ovinos, 207 280 caprinos e 133 544 bovinos), contra a peste (204 390 suínos), contra o mal rubro (87 468 suínos), contra a pasteurelose (112 095 ovinos) e contra a raiva (371 533 cães). Foram ainda efectuadas 187 654 tuberculinizações na espécie bovina, e examinados 199 987 animais de espécie caprina para pesquisa da febre de malta.

Ensino agrícola — No ano lectivo 1960/1961 verificou-se o movimento seguinte nas escolas de ensino agrícola:

«Curso elementar» (Operário Rural e Agente Rural) — 3 escolas com 25 professores e 383 alunos. (Concluíram o curso 55 alunos).

«Curso médio» (Regente Agrícola) — 3 escolas com 41 professores e 654 alunos. (Concluíram o curso 65 alunos).

«Ensino Superior» (Engenheiro Agrónomo, Engenheiro Silvicultor e Médico Veterinário) — 2 escolas com 63 professores e 551 alunos. (120 começaram o curso e 46 concluíram-no).

Além dos assuntos a que fizemos breves referências, sempre com números respeitantes ao Continente, muitos outros fazem parte deste volume, como sejam os que se referem ao solo, clima, contribuição predial, compra e venda de prédios, crédito agrícola, comércio com as ilhas, salários dos trabalhadores rurais, aluguer de gado, preços dos produtos agrícolas no produtor, indústrias relacionadas com a agricultura, produto bruto agrícola, etc..

Estado das culturas em 31 de Dezembro

Informação fornecida pelo Instituto Nacional de Estatística

As duas primeiras décadas de Dezembro caracterizaram-se pela escassez das quedas pluviométricas e pelas baixas temperaturas do ar. A formação de geadas nocturnas registou-se com frequência, causando prejuízos nas culturas, principalmente nas horticolas e forrageiras, assim como nos citrinos.

Durante a 2.ª década, depois dum período inicial de tempo seco e temperaturas excepcionalmente baixas, registaram-se chuvas abundantes

que dificultaram ou paralisaram completamente todas as actividades agrícolas. Em contrapartida, as precipitações verificadas contribuíram para aumentar os caudais das nascentes, anteriormente muito fracas para que as regas de lima decorressem em condições satisfatórias.

Prosseguiram durante o mês as sementeiras dos cereais de praga que, em algumas regiões, ficaram praticamente terminadas. De um modo geral, as searas não mostram grande desenvolvimento vegetativo, devido às baixas temperaturas a que estiveram sujeitas, mas apresentam enraizamento satisfatório e bom principio de afilhamento. Em algumas searas de sementeira tardia, notam-se nascimentos irregulares em consequência da prolongada estiagem e das geadas que dificultaram a germinação.

Os prados naturais, assim como os temporários, foram muito prejudicados pela falta de chuvas e pela acção causticante das geadas. Nos lameiros nem sempre foi possível evitar a acção destas devido à falta de água de lima. Consequentemente, houve por vezes certa dificuldade em manter os gados em boas condições de alimentação, no que diz respeito a alimentos verdes.

Foi regular a produção da bolota e lande, estando a montanha a decorrer normalmente.

Nos olivais, a azeitona foi prejudicada pelas fortes geadas registadas durante o mês. Prosseguiu a colheita, que em algumas regiões já terminou, dada a fraca produção. Alguns lagares não chegaram a abrir, tendo outros terminado a sua actividade mais cedo do que habitualmente. A fundura tem sido variável, mas de um modo geral satisfatória devido à reduzida água de vegetação contida na azeitona. A qualidade do azeite também tem sido variável, apresentando, frequentemente, boas características.

Previo-se no final do mês uma produção de azeitona 35% inferior à média do último decénio e 53% inferior à colheita do ano passado.

Os pomares de citrinos foram atingidos pela acção das geadas, que concorreram para a inutilização de apreciável quantidade de fruta.

Notou-se alguma concorrência nas feiras e mercados, sobretudo durante a quadra do Natal, com a consequente subida dos preços de alguns géneros, como ovos, aves, frutas, batatas, etc., mas, de um modo geral, as oscilações não foram muito acentuadas. Em algumas regiões nortenhas acentuou-se a procura da batata para as próximas plantações, a qual atingiu cotações elevadas, dada a sua escassez no mercado.

No sul e em algumas regiões do centro, as transacções de gado suíno continuaram a ser influenciadas pelo surto da peste africana, que levou a proibir a livre circulação destes animais, mesmo quando vacinados, a fim de se evitar a dissiminação da doença.

Nesta época do ano, em que é mais reduzida a actividade nos campos, não se notou falta de mão-de-obra agrícola. Por outro lado, dadas as condições favoráveis do tempo durante a maior parte do mês, poucos dias houve de inactividade para os trabalhadores rurais. Os salários, de um modo geral, mantiveram-se ao nível do mês anterior, embora mostrem uma certa tendência para aumentar.



A C. U. F.

(SECÇÃO AGRO-QUÍMICA)

põe à disposição dos Agricultores

a) Produtos para combater males e pragas

Agral LN — Molhante-aderente para incorporar nas caldas insecticidas e fungicidas.

Albolineum — Emulsão de óleo branco para combater as «cochonilhas» ou «lapas» e «icérias».

Mergamma — Desinfectante da semente do milho, à qual assegura protecção contra os ataques do «alfinete» e doenças criptogâmicas.

Cloroxone — Poderoso insecticida com base em Clordane, indicado para o combate à «formiga argentina».

Didimac 10 e 50 — Produtos com base em DDT, especialmente recomendados para o combate à «traça» da batata e das uvas, e ainda ao «bichado» dos frutos, à «teia» da macieira, etc.

Gammexane 50 (sem cheiro) e **P. 520** — Produtos com base em Lindane, e B. H. C.,

respectivamente, indicados em especial para o combate ao «escaravelho» da batateira, «pulgão» ou «áltica» da vinha, «hoplôcampas», etc.

Gamapó A — Insecticida com base em B. H. C., próprio para a destruição dos insectos do solo — «quirónomo» do arroz, «alfinete» do milho, «roscas», etc.

Katakilla — Produto com base em Rotenona, para combater os «piolhos» e outros insectos prejudiciais às plantas.

Malaxone — Éster fosfórico não tóxico com base em Malathion; combate «algodões», «afídios ou piolhos» «traças» das uvas, «mosca» dos frutos, etc.

Quirogama — Insecticida líquido para o combate ao quirónomo ou lagartinha vermelha dos arrozais.

b) Produtos para destruição de ervas e arbustos

Agroxone 4 — Herbicida selectivo com base em M. C. P. A., completamente desprovido de toxicidade para o homem e animais domésticos. O herbicida que permite uma rápida, eficaz e económica monda das suas searas sem causar quaisquer prejuízos aos cereais.

Atlacide — Herbicida total com base em clorato de sódio para a destruição

das ervas daninhas dos arruamentos, jardins, etc.

Trioxone — Arbusticida hormonal, com base num éster do 2, 4, 5 T. Embora seja também activo contra diversas ervas daninhas de «folha larga», o 2, 4, 5 T é especialmente eficaz contra plantas lenhosas, tais como silvas, diversos tipos de mato, acácias infestantes, etc.

c) Produtos auxiliares da vegetação

Horthomona A — É um preparado sintético que estimula e ace-

lera a formação de raízes nas estacas.

À VENDA EM TODOS OS DEPÓSITOS E REVENDADORES DA

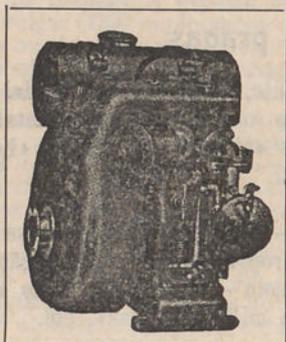
Companhia União Fabril

Av.^a do Infante Santo—LISBOA-3
(Gaveto da Av.^a 24 de Julho)

Rua do Bolhão, 192-3.º — PORTO

Motores e Grupos de Rega

VILLIERS



MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40
1,1 HP 2 HP 2,4 HP 3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2" 2" 2 1/2" 3"

ENCONTRÁ-LOS-À NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A
Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F
Telef. 53393 3532

Senhor Lavrador

Se se encontra interessado na compra de:

Máquinas agrícolas, insecticidas,
fungicidas e produtos enológicos.

Aduos simples e compostos.

Sementes para horta, prado e jardim.

CONSULTE O:

Centro Agrícola e Industrial, Lda.

307 — Rua Sta. Catarina — 309

PORTO

Telef. 25865/6

Teleg. AGROS

2747

Os produtos da

UMUPRO

LYON — FRANÇA



HELICIDE GRANULÉ — Produto eficaz-
simo na extinção dos caracóis, à base de
metaldeído;

UMUCORTIL GRANULÉ — Para combate
aos ralos, à base de clordane;



são distribuídos em Portugal por

Ferreira, Rio & C.ª, L.ª

Rua do Almada, 329-1.º — Telef. 23007 — PORTO

3189

Máquinas Agrícolas

O famoso espalhador de Adubos granulados ou em pó. Máxima perfeição na distribuição de trigo se-mente. Extraordinário rigor e uniformidade no espa-lhamento de herbicidas em pó, na monda agrícola.



Outro material VICON:

Máquinas de Cavar VICON-ROTASPA, com as larguras de trabalho de 2,10 m e 1,05 m (especialmente para a vinha).

Ancinhos Rotativos (juntadores de feno) tipos ACROBAT, LELY e SPRINTER.

ACCORD

— Moderníssimos *Plantadores e Sa-chadores* para tomate, batata, arroz, couve, beterraba, tabaco, cana-de-açúcar, etc.

KVERNELANDS — *Pás niveladoras e transportadoras de feno*

HELWIG — *Máquinas de Arrancar batata e beterraba*

GEHRING — *Grades Rotativas* construídas para a moderna agri-cultura nas medidas de 0,90/1,30, 1,50, 1,70, 1,90 e 2,10

MASERATI — *Máquinas de Mungir* eléctricas ou a gasolina

TITO MANZINI

& FIGLI — *Máquinas e Instalações* para a indústria das conser-vas de frutos e tomate

REPRESENTANTE EXCLUSIVO PARA PORTUGAL E PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS

ANTÓNIO CÂMARA CORDOVIL

IMPORTAÇÃO - EXPORTAÇÃO

RUA DE CAMPOLIDE, 55-1.º DTO. — TEL. 685262 — END. TEL. VIERZON

LISBOA



Forocibene[®] pré-mistura a 50 %.

Ação profiláctica notável contra os agentes patogéneos bacterianos e coccídias, no tracto gastro-intestinal, sem perturbar o desenvolvimento normal do animal.

Bácoros e Vitelos

Profilaxia das diarreias durante o crescimento e engorda.

Porcas em gestação

Profilaxia das perturbações gastro-intestinais durante o último período da gravidez e a amamentação.

Vacas leiteiras

Profilaxia das diarreias devidas à coccidiose, com administração complementar de vitaminas.

Galinhas poedeiras

Profilaxia da inflamação dos oviductos e das diarreias durante o período de postura.

C o e l h o s

Profilaxia da coccidiose e do meteorismo.

Um produto com a
garantia C I B A

Representantes:
Produtos CIBA, L.da — Av. 5 de Outubro, 48 — Lisboa

3901

H. KLEIN, L.^{DA}

Sucessores da casa H. KLEIN — fundada em 1894

Produtos Enológicos — Taninos, gelatinas, produtos especiais para o tratamento, melhora-mento e clarificação de vinhos.

Derivados de Mosto de Uva do Douro — Mosto esterilizado, Mosto concentrado, Mosto torrado.

Carvões vegetais activos — Para Enologia, Indústria açucareira, Indústria química.

Rua da Montanha, 177 — Vila Nova de Gaia
Telef. 390141 — Telegr. NIELK

1823

COALHO em pó para leite

Da acreditada marca Dinamarquesa «REYMANN», embalagem em caixas de madeira com 100 frascos, e em latas de 100, 250, 500 e 1000 gramas.

Cada frasco, 10\$00 - Cada kilo, 600\$00

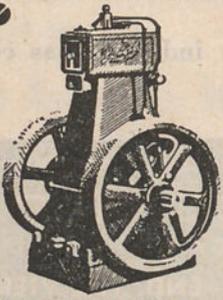
Para revenda, desconto de 20 %

Para armazenistas ou compra de grandes quantidades, descontos especiais

Pedidos ao importador

Ezequiel Lopes Ribeiro — Proença-a-Nova

3902



MOTORES A ÓLEO

BAMFORD

DIESEL

O MELHOR MOTOR INGLÊS PARA A AGRICULTURA E PEQUENA INDÚSTRIA

RESISTENTES SIMPLES FÁCEIS DE MANEJAR ECONÓMICOS GARANTIDOS

JAYME DA COSTA, L.^{DA}
 14 - R. dos Correios - LISBOA
 12 - P. da Batalha - PORTO

MECÂNICA E ELECTRICIDADE EM TODAS AS APLICAÇÕES

DESDE 3½ HP - 600 R.P.M.

1149

Fosfato Thomas

O ADUBO ideal

para os SOLOS de Portugal

Nas terras pobres em cal empregue sempre

Fosfato Thomas,

o único adubo fosfatado com cal activa e neutralizante existente no mercado.

2890

Envie-nos hoje mesmo este cupom, em carta ou colado num postal, marcando com uma cruz o que lhe interessar.

AOS

A

Serviços Agronómicos do Fosfato Thomas

Rua D. João V, n.º 29-3.º D

LISBOA-2

Queiram gratuitamente:

- Enviar-me literatura.
- Fornecer-me instruções para a colheita de amostras de terra para análise (as despesas da análise ficam a cargo do agricultor).
- Visita do vosso Engenheiro.

Nome

Morada



Agente Geral para Portugal e Ultramar:
J. L. Duarte de Almeida, Suc.ra
Rua de S. Miguel, 61 — PORTO
Telefone, 26515

a bomba que resolve o seu problema caseiro
para hortas e jardins,
pequenas regas, etc.

3877

CONSUMO DE ELECTRICIDADE MÍNIMO
.....

“VIBRO-VERTA”
a bomba portátil que resolve o abastecimento de água
na cidade e no campo

DEMONSTRAÇÕES GRÁTIS

AVERY

2876

A MARCA COM MAIS DE 225 ANOS DE EXISTÊNCIA

Balanças * Básculas * Medidoras para
petróleo, azeite e óleo * Cortadores
para fiambre * Moinhos para café *
Picadoras

MODELO A. 952

Capacidade — 10 quilos
Mostrador — 1 quilo
Divisões — 5 gramas

Balança semi-auto-
mática precisa,
moderna e de ele-
gante apresentação

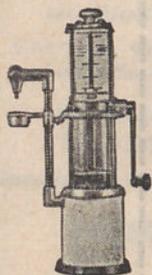


MODELO M4CH

**Medidora para Petróleo,
Azeite e Óleo**

Medição rigorosa e automática
nas capacidades de 1/2 e 1
decilitros, 1/8, 1/4, 1/2 e 1 litro

ESMALTADA A BRANCO
RÁPIDA E HIGIÊNICA
ELEGANTE, ROBUSTA E EFICIENTE

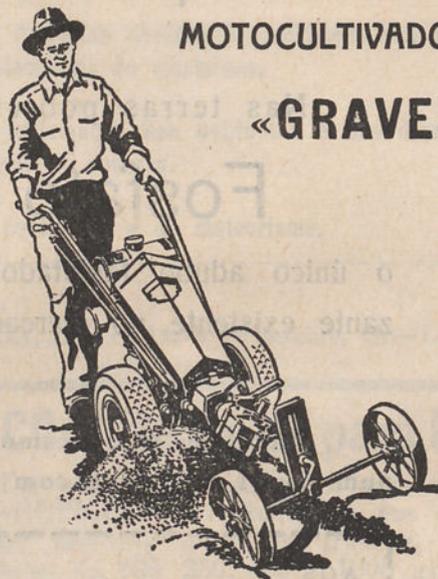


AVERY PORTUGUESA, L. DA

SEDE — LISBOA — Rua Braamcamp, 66-70 — Telef. 42001
FILIAL — PORTO — Rua D. João IV, 28 — Telef. 22144
AGÊNCIAS } COIMBRA — Rua da Sofia, 164 — Telef. 4512
 } FUNCHAL — R. Ferreiros, 18 — Telef. 818.2286

MOTOCULTIVADORES

«GRAVELY»



Um só motocultivador * 30 alfaías agrícolas

Lavra — Sacha — Grada — Semeia —
Transporta — Cava e descava
vinhas — Pulveriza vinhas, batatais
e árvores — Serra — Rega — Ceifa —
etc., etc.

ADQUIRA um motocultivador
ESCOLHA as alfaías que precisa

Representantes exclusivos:

INIMEX

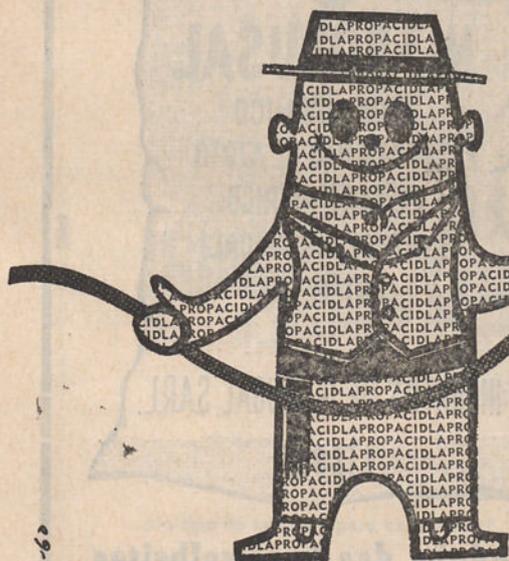
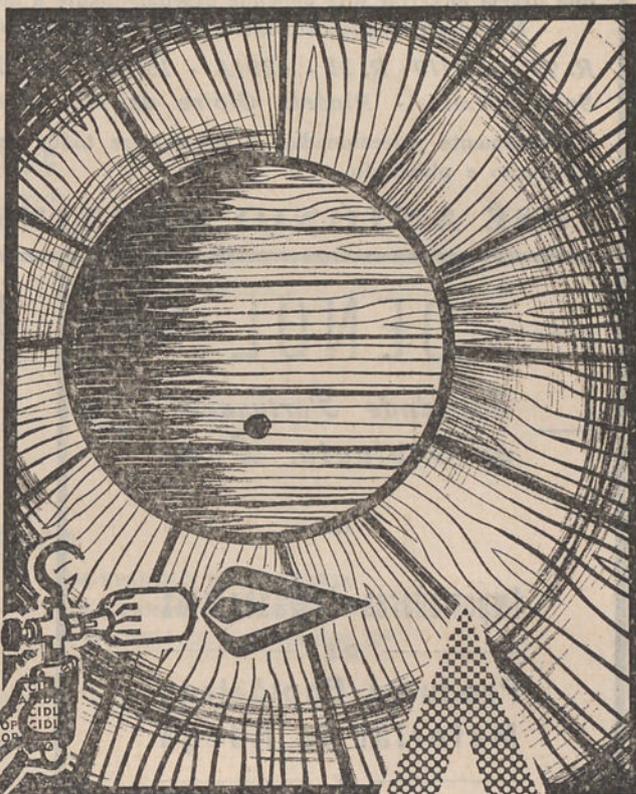
Internacional Importadora e Exportadora, Lda.
Rua do Almada, 443 — Telef. 33379 — PORTO

3886

O Caminho de Ferro é o transporte ideal,
pois é seguro, rápido, prático e económico.

1593

*para a extracção
do sarro
de vasilhame
e cubas de vinho*



use



PROPACIDLA

O MELHOR GÁS AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA

GABRIEL FERRÃO '62

Senhores VITICULTORES

3872

É da escolha dos bacelos com boa adaptação aos V. terrenos e de boa afinidade às castas que deseja enxertar que depende essencialmente a maior ou menor produção dos V. vinhedos. Nos meus viveiros encontra V. Ex.^a as variedades:

R. 99 - R. 110 - R. 31 - 420/A - 161/49 - 34/EM - 5 BB - 3.309 - 3306 - 101/14
Solonis 1.616 - Ripária Gloire de Montplier e Rupestris du Lot (Monticula),
rigorosamente seleccionadas, e prestam-se todos os esclarecimentos relacionados com a sua adaptação e plantação.

JOSÉ ANTÓNIO MARTINS — Sobral de Monte Agraço — Telef. 91

OENOL

*Sociedade Portuguesa
de Enologia, Lda.*

Importadores - Armazenistas

DE

Produtos Enológicos
Material de Adega

E

Material de Laboratório

LISBOA — Rua da Prata, 185, 2.º
Telefones: 2.8011 - 2.8014

2860



3888

O adubo das boas colheitas



As mais seleccionadas árvores de fruto
As melhores sementes de flores e de horta
As mais lindas ROSAS premiadas em Concursos Internacionais

Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas, fungicidas. Construção de Jardins, Parques e Pomares.

Alfredo Moreira da Silva & F.ª, Lda.

Rua de D. Manuel II, 55 — PORTO

Telef 21957

Teleg. «Roselândia-Porto»

CATÁLOGOS GRÁTIS

3702

MONDA QUÍMICA



RESOLVE

os problemas de

FALTA DE MÃO DE OBRA
TEMPO
QUEBRA DE RENDIMENTO DAS COLHEITAS

MONDA QUÍMICA



SIGNIFICA

UM SÍMBOLO DE GARANTIA
UMA GARANTIA DE EFICÁCIA
A EFICÁCIA DOS PRODUTOS BP

OS SERVIÇOS
AGRONÔMICOS



DISPÕEM

DE UM QUADRO TÉCNICO ESPECIALIZADO
E PODEM EFECTUAR A MONDA DAS SEARAS
COM :

um tipo de máquina para cada caso!

para o SEU caso uma solução!

AVIÕES
HELICÓPTEROS
MÁQUINAS TERRESTRES

de pulverização

DIRIJA-SE AO AGENTE BP
MAIS PRÓXIMO E SOLICITE:

e polvilhação

MONDA QUÍMICA



E ASSISTÊNCIA TÉCNICA BP

SEMEAR PARA COLHER COM MUITO MAIS LUCRO!

3900



Rede de distribuição
SACOR - CIDLA

PRODUTOS AGRAN
GARANTEM COLHEITA SÃ

*

COZY-S é um pó molhável, contendo 37,5% de COBRE (sob a forma de oxiclureto) e 16% de ZINEBE.

É um fungicida indicado para defender as principais culturas (Vitícola, Horticola e Fruticola) contra diversas doenças entre as quais o MÍLDIO, PEDRADO, MONILIOSE, LEPRO e CRIVADO.

8905

**Cruz, Sousa
& Barbosa,
Limitada**
Papéis
e
Máquinas Gráficas

245

Telefs. 27656 e 27657
R. D. João IV, 567
P O R T O

Para os seus seguros...

Consulte a

Corporação Internacional de Seguros

Avenida dos Aliados, 54-2.º

P O R T O

Seguros em todos os ramos

1820

Visite V. Ex.^a a
**Ourivesaria
Aliança**

onde encontrará

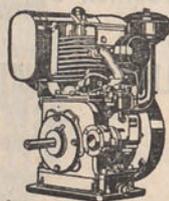
Jóias, Pratas,
Mármore e Bronzes

a preços fixos.

P O R T O
191, R. das Flores, 211

3056

Filial em LISBOA:
R. Garrett (Chiado), 50



"WISCONSIN"

MOTORES A GAZOLINA E PETROLEO
DE 2 A 30 CAVALOS-PEÇAS DE RESERVA

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

CASA CAPUCHO

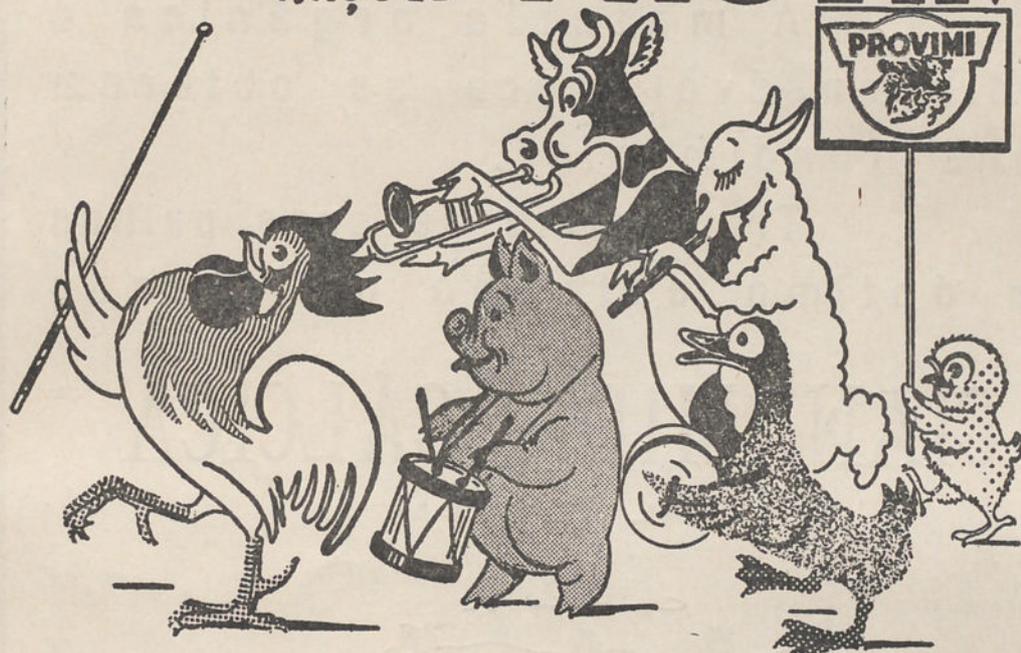
LISBOA-RUA DE S. PAULO-113-129
PORTO-R. MOUS. DA SILVEIRA-139-143

3896

CONCENTRADOS

**E
RAÇÕES**

PROVIMI



NA VANGUARDA DA QUALIDADE

Melhores resultados com os alimentos

PROVIMI

3501

FABRICANTES-CONCESSIONÁRIOS:

*Fábrica de Rações da
Beira, Lda. — Caramulo*
*Fábrica Luso Holandesa de
Rações, Lda. — Carregado*
Bonifácio & Filhos — Ovar
Sofar, Lda. — Faro

*Prazeres & Irmão,
Sucrs., Lda. — Castro Verde*
*Nicolau de Sousa Lima
& Filhos Lda. — Ponta Delgada*
Freitas & Gouveia, Lda. — Funchal
A. Relvas, Lda. — Malange

PROVIMI PORTUGUESA, L.DA

Rua do Machado, 47 — Carnide — LISBOA 4

Telefs. 783439 — 780391 — 782132 — 782131



Snr. Lavrador

A matéria orgânica é indispensável para se obterem bons rendimentos.

Transforme as suas palhas em óptimo estrume utilizando

CIANAMIDA CÁLCICA

(CAL AZOTADA)



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.
LISBOA—TELEFONE 368080

3165